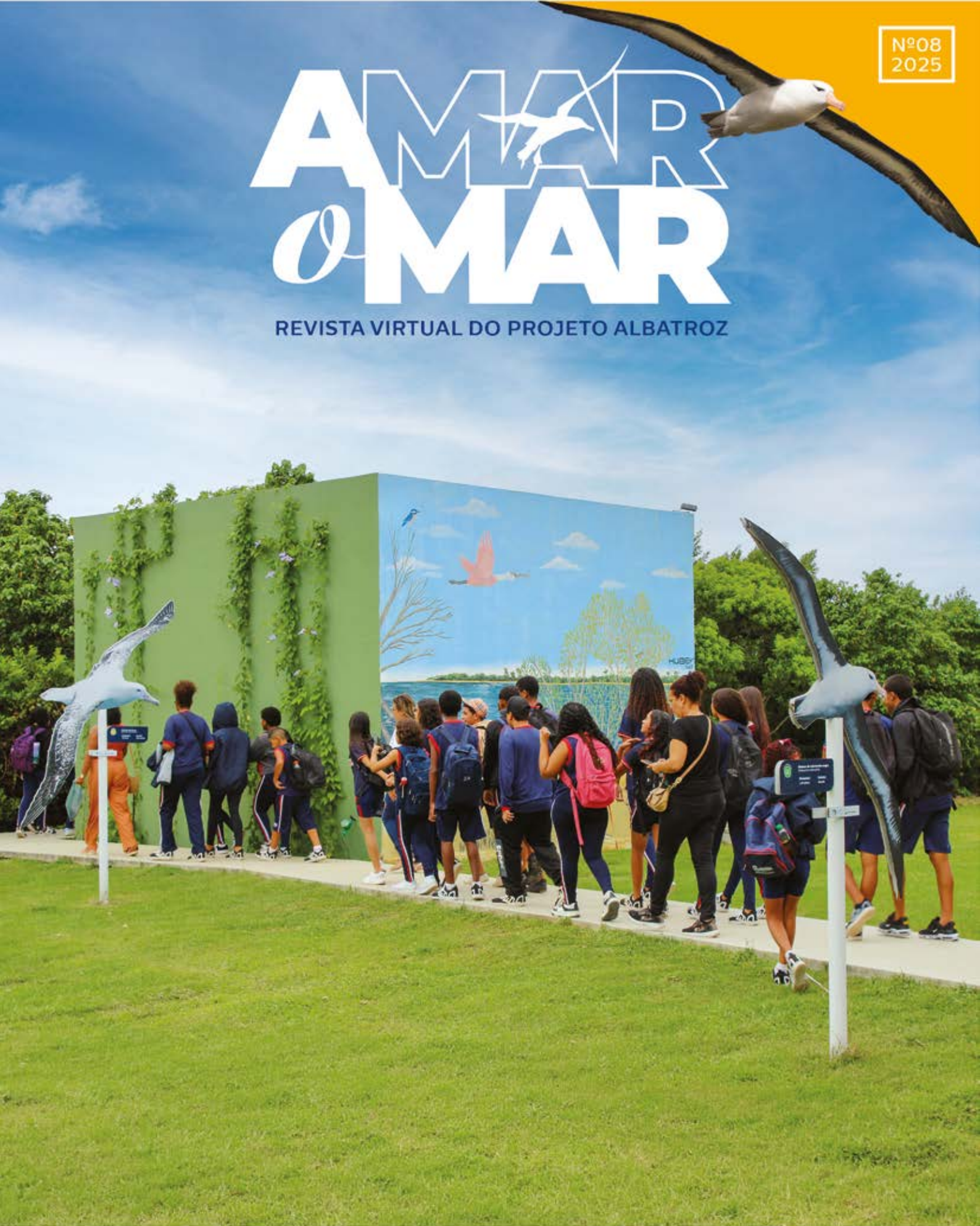


AMAR O MAR

REVISTA VIRTUAL DO PROJETO ALBATROZ



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS



Por-do-sol na Lagoa de Araruama com vista do Observatório de Aves do Centro de Visitação do Projeto Albatroz.

EXPEDIENTE:

Amar o Mar - Revista Virtual do Projeto Albatroz

8ª Edição - 2025

Publicada pelo Instituto Albatroz

Projeto Gráfico e Diagramação: Gustavo Antelmi

Edição e Revisão: Juliana Justino e Tatianne Fonseca

Textos: Danielle Cameira, Gracie Croce, Lara Pimentel, Cendy Domingues, Amanda Cordeiro

Capa: Lara Pimentel



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:





ÍNDICE

INSTITUCIONAL

Páginas 05 a 21



IMPACTO SOCIAL DAS AÇÕES DO PROJETO ALBATROZ SUPERA SETE VEZES O INVESTIMENTO REALIZADO, APONTA ESTUDO

Pág. 05

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Páginas 22 a 41



ENCONTRO PELOS 10 ANOS DO COLETIVO JOVEM ALBATROZ REÚNE MAIS DE 117 JOVENS DE PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

Pág. 35

POLÍTICAS PÚBLICAS

Páginas 42 a 49



PROJETO ALBATROZ SEDIA OFICINA NACIONAL DE MONITORIA DO PLANACAP EM CABO FRIO (RJ)

Pág. 42

PESQUISAS

Páginas 50 a 58



NOVO PARASITA ENCONTRADO EM BOBO-GRANDE ALERTA PARA DISSEMINAÇÃO DE NOVOS PATÓGENOS EM AVES MARINHAS

Pág. 57

COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

Páginas 59 a 69



QUANDO A IMAGEM FALA PELA NATUREZA: O PAPEL DA IMAGEM NA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Pág. 62



EDITORIAL

Há mais de três décadas, o Projeto Albatroz trabalha para proteger algumas das aves mais fascinantes do planeta e, ao mesmo tempo, fortalecer a relação entre as pessoas e o oceano. Esta edição da revista Amar o Mar é um convite para mergulhar nesse universo e conhecer de perto as histórias, pesquisas e iniciativas que tornam possível a conservação dos albatrozes no Brasil.

Entre os marcos recentes dessa trajetória, o Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha, em Cabo Frio (RJ), ocupa um lugar especial. Inaugurado em 2023, o espaço nasceu com o propósito de aproximar a sociedade da ciência, da natureza e da cultura oceânica, oferecendo uma experiência imersiva pelos ecossistemas costeiros da Região dos Lagos e pelo universo dos albatrozes e petréis.

Caminhar pela Trilha do Mangue, observar aves na Laguna de Araruama ou descobrir as incríveis adaptações das aves oceânicas são experiências que ajudam a revelar uma verdade essencial: o oceano está profundamente conectado à nossa vida cotidiana. E proteger esse ambiente depende de conhecimento, sensibilização e participação coletiva.

Ao longo desta edição, você encontrará exemplos concretos de como ciência, educação ambiental, diálogo com pescadores, políticas públicas e comunicação caminham juntos para gerar impacto real. Estudos recentes mostram que o trabalho do Projeto Albatroz tem produzido resultados sociais e ambientais expressivos, reforçando a importância de iniciativas de longo prazo para a conservação marinha.

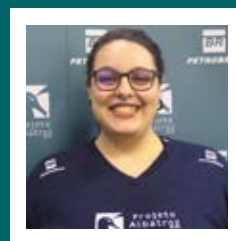
Mas, acima de tudo, esta revista celebra pessoas: pesquisadores, educadores, pescadores, estudantes, parceiros e visitantes que compartilham conosco o compromisso de cuidar do oceano.

Que cada página seja um convite para olhar o mar com mais atenção, curiosidade e responsabilidade. Porque proteger os albatrozes e petréis é também proteger o oceano — e, no fim das contas, proteger o futuro de todos nós.

Boa leitura!

Juliana Justino

Editora da Revista Virtual Amar o Mar e Coordenadora de Comunicação do Projeto Albatroz



**AMAR
o MAR**

Revista Virtual
do Projeto Albatroz
Edição 8 - 2025





INSTITUCIONAL



IMPACTO SOCIAL DAS AÇÕES DO PROJETO ALBATROZ SUPERA SETE VEZES O INVESTIMENTO REALIZADO, APONTA ESTUDO

Patrocinada pela Petrobras desde 2006 e integrante da Rede Biomar, a organização se destaca pelas ações de pesquisa e conservação de aves oceânicas ameaçadas de extinção

Um estudo recente encomendado ao Instituto Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS)

U analisou as ações de pesquisa, conservação, educação ambiental e políticas públicas realizadas pelo Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, nos últimos três anos e concluiu que o retorno de impacto da instituição é equivalente a mais de sete vezes o valor investido pela patrocinadora.

O cálculo do retorno de impacto social é complexo, pois envolve tanto elementos com valores financeiros diretos — como produtos ou serviços com preço de mercado — quanto impactos intangíveis, como a mudança de comportamento de uma comunidade ou uma mudança no impacto do meio ambiente. Para lidar com essas questões, utilizam-se metodologias que atribuem valores aproximados a esses benefícios intangíveis por meio de indicadores financeiros equivalentes, conhecidos como “proxies”. Esses indicadores funcionam como referências comparáveis, permitindo estimar, com base em evidências, quanto esses impactos “valeriam” se tivessem um preço de mercado. É assim que atividades de educação ambiental, política pública ou até mesmo a recuperação de uma população de aves marinhas entram no cálculo e ajudam a dimensionar o verdadeiro retorno gerado pelo investimento.



Com o objetivo de promover uma relação cada vez mais consciente e sustentável entre a sociedade e o meio ambiente por meio da conservação dos albatrozes, petréis e seus ecossistemas, o Projeto Albatroz realiza, desde 1990, uma série de atividades focadas em quatro eixos principais: pesquisa científica, políticas públicas, educação ambiental e comunicação.

Para cada uma das dezenas de ações desenvolvidas nos diferentes eixos de atuação do projeto, há diferentes públicos que são afetados socialmente por elas, como: pesquisadores, estudantes universitários, crianças em idade escolar, comunicadores, pescadores, comunidades costeiras, além das próprias aves, que são beneficiadas pelas atividades de conservação. O impacto social de todas as ações, de forma acumulada, superou em sete vezes o montante investido pela patrocinadora, uma comprovação da seriedade e da consistência do trabalho realizado há mais de 35 anos.



Para a gerente de projetos do Projeto Albatroz, Beatriz Gago, ter um resultado tão positivo é reflexo de uma gestão eficiente do investimento nas ações financiadas pelo patrocínio, tendo o impacto social no centro das tomadas de decisão. “Para nós, cada contrato é uma nova oportunidade de realizar mais pesquisas, mais trabalhos com os pescadores no porto, envolvendo mais escolas, professores e formando mais jovens lideranças para a conservação marinha e costeira, buscando sempre uma gestão eficiente do investimento do nosso patrocinador, a fim de alcançar cada vez mais o objetivo do Projeto Albatroz, na conservação dos oceanos”.



A fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, adiciona que de todo o impacto social gerado pelo patrocínio, a maior porcentagem está concentrada nos albatrozes, petréis e do oceano (69,9%) e pescadores (18,5%). “Isso é uma prova de que seguimos firmes, fortes e determinados em gerar ciência, políticas públicas e alianças que resultem de fato na conservação de albatrozes e petréis, aves tão magníficas e sensíveis às mudanças climáticas”.

Para saber mais sobre as atividades de pesquisa, educação ambiental, políticas públicas e comunicação do Projeto Albatroz, siga os perfis nas redes sociais:





Sobre o Projeto Albatroz

Reduzir a captura incidental de albatrozes e petréis é a principal missão do Projeto Albatroz, que tem o patrocínio da Petrobras desde 2006. O Projeto, nascido em Santos (SP), no ano de 1990, é coordenado pelo Instituto Albatroz – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que trabalha em parceria com o poder público, instituições de ensino, empresas pesqueiras e pescadores, desenvolvendo pesquisas científicas para subsidiar políticas públicas e a promoção de ações de Educação Ambiental junto aos pescadores, jovens e às escolas. O resultado deste esforço tem se traduzido na formulação de medidas que protegem as aves, na sensibilização da sociedade quanto à importância da conservação dos albatrozes e petréis para o equilíbrio do meio ambiente marinho e no apoio dos pescadores ao uso de medidas para reduzir a captura dessas aves no Brasil.

Atualmente, o Projeto Albatroz mantém bases de pesquisa em quatro estados brasileiros e, em 2023, inaugurou seu primeiro Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha em Cabo Frio (RJ), com exposições, trilhas autoguiadas, ponto para observação de aves e realização de atividades de educação ambiental em uma das regiões com maior ocorrência de albatrozes e petréis da costa brasileira. O Instituto Albatroz, que realiza o Projeto Albatroz, também executa o Programa de Monitoramento de Praias (PMP) em um trecho de 54 km, em diversas praias das cidades de Cabo Frio, Arraial do Cabo e Búzios, na Região dos Lagos.

O Projeto Albatroz estima que cerca de 300 mil aves marinhas sejam capturadas incidentalmente pela pesca de espinhel todos os anos no mundo, sendo 30 a 40 mil albatrozes e petréis. Para diminuir esse número, a instituição participa ativamente de órgãos e planos nacionais e internacionais como o Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP), Plano Nacional de Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP), Comissão Internacional para a Conservação do Atum Atlântico (ICCAT), entre outros, compartilhando pesquisas e desenvolvendo estratégias de conservação.





Foto: Denise Giovanna

PROJETO ALBATROZ, EM CABO FRIO (RJ), RECEBE O TÍTULO DE POSTO AVANÇADO DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA

Conquista reconhece a instituição como parceira estratégica na conservação, pesquisa e divulgação sobre o bioma no Brasil

inaugurado em 2023 e desde então funcionando com um polo de educação ambiental, conservação, pesquisa, turismo sustentável e cidadania na Região dos Lagos, o Centro de Visitação do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, recebeu, este ano, o título de Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA). O título reconhece a instituição como um centro de referência da RBMA em sua região, difundindo conceitos, programas e projetos de conservação da Mata Atlântica para visitantes, comunidades locais e parceiros.

A RBMA é a maior Reserva da Biosfera do planeta, com mais de 89 milhões de hectares em 17 estados brasileiros de ocorrência natural da Mata Atlântica. Seu programa de Postos Avançados foi criado em 1997 para ajudar a expandir as ações de proteção e divulgação do bioma, buscando parceiros que desenvolvessem regularmente pelo menos duas das três funções básicas de uma reserva: a proteção da biodiversidade, o desenvolvimento sustentável e o conhecimento científico.

**É uma prova
da convivência
harmoniosa que
temos com o meio
ambiente**

O título funciona como um selo de credibilidade em conservação e educação ambiental, indicando que o Projeto Albatroz contribui de forma concreta para a proteção da Mata Atlântica. Como contrapartida, o centro passa a integrar uma rede nacional de Postos Avançados, recebe apoio na forma de visibilidade, materiais e articulação com outros parceiros, e se compromete a manter e relatar suas ações ao Conselho da RBMA em ciclos de quatro anos, para renovação do título.

Para a coordenadora do Centro de Visitação do Projeto Albatroz, Danielle Rocha, receber esse título reforça o compromisso da instituição em conservar não somente as espécies de albatrozes e petréis, mas também o bioma onde está inserida. “A Mata Atlântica cobre cerca de 24% do território

do nosso país e é lar não só de uma biodiversidade riquíssima, mas de todos nós. Por isso, ficamos muito felizes com a nomeação de Posto Avançado, é uma prova da convivência harmoniosa que temos com o meio ambiente”.



Na Calçada dos Ecossistemas, os visitantes contornam parte da Lagoa de Araruama enquanto conhecem as particularidades de cada um dos ambientes presentes na região, desde o manguezal até o ambiente pelágico. Um observatório de aves sobre a lagoa permite avistar e reconhecer algumas das dezenas de espécies de aves costeiras e migratórias da região.



Turismo sustentável e conservação

O Centro de Visitação do Projeto Albatroz é um espaço dedicado a disseminar a cultura oceânica e o conhecimento sobre a biodiversidade marinha, sensibilizando estudantes, educadores, pescadores, turistas e moradores da Região do Lagos sobre a biologia e conservação dos albatrozes e petréis.

Localizado às margens da Laguna de Araruama, o trajeto da visita foi pensado para guiar o público numa imersão em temas como a conservação, biologia e pesca para todas as idades. Na entrada, o visitante conhece a história do Projeto Albatroz e se encaminha para a Trilha do Mangue, um ecossistema costeiro associado ao bioma Mata Atlântica, onde pode se familiarizar com o manguezal e a fauna e flora característica desse ecossistema em uma agradável trilha rodeada por mangues, aroeiras, diversas espécies de caranguejos e aves.



Em seguida, é convidado a dar um mergulho no Espaço Oceano e encantar-se com a diversidade das espécies que habitam esse ambiente. Por último, o Espaço Albatroz fala sobre a biologia dos albatrozes e petréis, apresentando as espécies e adaptações biológicas dessas aves, explicando a interação delas com a pesca e guiando o visitante por uma reflexão sobre o seu papel na conservação do oceano.

Além da visita aberta a turistas, o Centro de Visitação também realiza atividades de educação ambiental com escolas, recebe formações do Coletivo Jovem Albatroz, eventos de pesquisa e políticas públicas, organiza atividades artísticas e de cidadania com os moradores das comunidades do entorno, palestras, encontros com órgãos de educação e turismo, bem como realiza eventos para envolver a população local no tema da conservação da biodiversidade.



SINERGIA FOI A ESSÊNCIA DO 1º WORKSHOP NUALBA-OCEANO, REALIZADO EM CABO FRIO (RJ)

Evento reuniu mais de 60 colaboradores de diferentes programas do Instituto Albatroz

Integrar equipes, compartilhar conhecimento e direcionar os esforços para as principais metas do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, foi o objetivo do 1º Workshop NuAlba-Oceano, realizado entre os dias 24 e 28 de março, em Cabo Frio (RJ). Mais de 60 colaboradores participam de palestras, capacitações e dinâmicas no Centro de Visitação e também de uma trilha para se familiarizar com as características únicas do território.

O primeiro dia de atividades contou com uma abertura especial da fundadora e coordenadora do Projeto Albatroz desde 1990, Tatiana Neves. Em sua fala, ela abordou a história do projeto e também a forma com que teve contato com a problemática da captura de albatrozes e petréis pela primeira vez, quando ainda era estudante de Biologia em Santos (SP). A fala foi procedida pela equipe de gerência e gestão do Instituto Albatroz, com apresentações da Gerente de Projetos Beatriz Gago, do Gerente de Pesquisa e Desenvolvimento, Gabriel Canani, e do Gerente de Sustentabilidade e Conservação, Caio Marques, que contaram sobre a sua atuação e seu histórico dentro da instituição.

No Centro Informativo, Tatiana conduziu a equipe por toda a linha do tempo da instituição, destacando conquistas importantes como a participação em órgãos de políticas públicas como o Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) e o Plano Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP), a criação de programas importantes como o Albatroz na Escola e o Coletivo Jovem Albatroz, além do Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis (BAAP) e, claro, a inauguração do Centro de Visitação que ocorreu em setembro de 2023.

Ainda no primeiro dia, a equipe de Educação Ambiental apresentou suas principais atividades, planos para o próximo triênio e também introduziu a chegada das primeiras integrantes da equipe pedagógica do Coletivo Jovem Albatroz em Santos. Com apoio do coordenador de educação ambiental, Paulo Salomão, os monitores do Centro de Visitação fecharam a programação do dia com uma visita mediada pelos ambientes, envolvendo e encantando os visitantes com o universo da conservação oceânica.



Já no segundo dia, foi a vez da coordenadora técnica, Juliana Vallim, e sua equipe mostrarem detalhes do seu trabalho de campo, seja nos portos realizando monitoramento das interações de aves marinhas com pescarias, e ações de educação ambiental com pescadores, ou em alto-mar, a bordo dos cruzeiros de pesca para coleta de informações sobre a ecologia das

aves associadas às embarcações, características das pescarias e taxas de captura incidental. Dividida entre os portos de relevância para a conservação de albatrozes e petréis nas cidades de Cabo Frio (RJ), Itajaí (SC) e Rio Grande (RS), a equipe é responsável pelo diálogo com a comunidade pesqueira, ouvindo suas demandas e provendo informações sobre conservação marinha, especialmente sobre o uso de medidas mitigadoras da captura incidental de aves marinhas. Durante a apresentação, eles fizeram uma capacitação sobre os aspectos biológicos dos albatrozes e petréis e sua conservação, com o intuito de enriquecer o conhecimento dos membros de outras equipes da instituição.

Já na parte da tarde, o coordenador do Programa de Monitoramento de Praia (PMP-BC/ES), Caio Azevedo Marques, compartilhou com toda a equipe o trabalho, os objetivos e processos do projeto, bem como um apanhado geral das atividades realizadas pelas equipes. A fala foi complementada por apresentações de Rodrigo Troina e Janaína Rocha, que apresentaram em detalhes o que tem sido realizado na equipe de monitoramento e reabilitação de animais marinhos do PMP, respectivamente. Desde junho do ano passado o projeto já atendeu mais de 490 animais entre aves marinhas e tartarugas. Em seguida, a coordenadora do Centro de Visitação, Daniele Rocha, falou aos participantes sobre como é feita a gestão e o aprimoramento contínuo da estrutura e das atividades do local que, além de ser uma importante ferramenta de educação ambiental, também é um equipamento turístico de grande potencial na Região dos Lagos.

Na quarta-feira, foi a vez da equipe Administrativo-Financeira, por meio do seu coordenador Bruno Assis, apresentar os dados mais atualizados sobre as atividades da instituição e também capacitar a equipe para melhorar o fluxo de pagamentos e reembolsos, visando sempre a organização e a padronização dos documentos. À tarde, a equipe de Comunicação, coordenada por Juliana Justino, fez uma rodada

de apresentações sobre suas diferentes áreas: produtos, redes sociais e assessoria de imprensa. Com um diálogo aberto com o restante da equipe, foram discutidas maneiras de otimizar a distribuição de materiais entre as bases e o público das atividades, como contribuir para a geração de conteúdo nas redes sociais e também de notícias na imprensa.



Vivência na Caatinga Fluminense reforça conexão com o território

Na quinta-feira, a equipe trocou o Centro de Visitação por uma atividade ao ar livre. O consultor de assuntos estratégicos do Projeto Albatroz no Rio de Janeiro, Eduardo Pimenta, conduziu uma trilha com passarinhada pelas belezas da Caatinga Fluminense, típica de Cabo Frio (RJ), a única caatinga litorânea do país. A caminhada partiu do Caminho Verde até o Farol da Lajinha, com direito a uma visão única das ilhas de Cabo Frio e da Praia do Forte, que terminou com um mergulho.



A Caatinga Fluminense, única caatinga litorânea do Brasil, apresenta uma vegetação adaptada ao clima semiárido, com cactos imponentes, arbustos entrelaçados e espécies endêmicas como bromélias e orquídeas. Durante a trilha, os participantes foram guiados por especialistas que detalharam as peculiaridades da flora local, destacando a presença de plantas como o cacto *Pilosocereus ulei* (cabeça-branca), e diversas espécies de cactos da família Cactaceae, que se destacam por sua resistência ao clima árido.

Estas vivências nos ambientes em que o Projeto Albatroz atua, colaboram para o entendimento de todos sobre a importância da conservação dos ambientes marinhos e costeiros, entre eles a Caatinga Fluminense, um patrimônio natural que exige cuidados para garantir sua preservação, bem como um maior entendimento das ações e esforços para a conservação da biodiversidade brasileira e dos ambientes em que se desenvolve.

Para Tatiana Neves, viabilizar um encontro com todas as pessoas envolvidas no Projeto Albatroz é algo raro, mas essencial para preservar a essência e a missão da instituição nas mais diferentes cidades onde está localizada. “Tirar a equipe de campo, do dia a dia da pesquisa e da educação ambiental não é algo fácil, mas vale todo o esforço quando conseguimos organizar dias de tanta sinergia, cooperação e troca de conhecimento”, afirmou. “Nossa troca foi potente, e os resultados, transformadores. Recuperamos o fôlego para mais um contrato de muito trabalho, conquistas e resultados importantes para a conservação das aves oceânicas”.

No último dia, foi a vez de reunir a equipe para uma atividade pensada e coordenada pela Cooperativa Coletiva, que oferece soluções inovadoras em educação empresarial, para integrar todos os membros da equipe, em que foi dada uma atenção especial à questão da escuta ativa e da sinergia entre as pessoas e áreas do Projeto Albatroz. Durante as dinâmicas, que tiveram a participação da gestora Ana Paula Marques, da Petrobras, foram identificados pontos de destaque que já funcionam bem e outras atitudes que podem ser melhoradas no dia a dia do trabalho e, no final, foi produzido um manifesto coletivo com os valores e objetivos da instituição.



Sobre o NuAlba-Oceano

O Núcleo de Estudos Aplicados e Cultura Oceânica (NuAlba-Oceano) foi criado pelo Projeto Albatroz em 2020 com o objetivo de integrar a pesquisa científica com os processos educadores, por meio de ações interdisciplinares, alinhadas às metas da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável a ser implementada de 2021 a 2030, com foco no ODS 14 e correlatos.

O núcleo visa promover a transformação através da informação e de processos educativos e participativos, incluindo as comunidades que vivem do mar e são afetadas por ele, buscando alcançar os objetivos da Década de se obter para o futuro que desejamos, com um oceano limpo, saudável, resiliente, previsível, seguro, sustentável, produtivo, acessível e valorizado por todos.



BIODIVERSIDADE E EDUCAÇÃO DESTACAM O CENTRO DE VISITAÇÃO COMO REFERÊNCIA TURÍSTICA EM CABO FRIO (RJ)

Atividade do curso Técnico em Guia de Turismo evidencia o papel do espaço na construção de roteiros sustentáveis e na valorização da região

O Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz vem se consolidando em Cabo Frio (RJ) como um local de ecoturismo regional pela capacidade de aproximar a comunidade de sua biodiversidade. Localizado ao lado do Parque Natural Municipal do Dormitório das Garças, maior remanescente de manguezal da Laguna de Araruama, o espaço reúne vegetação nativa, crustáceos, aves lagunares e atividades educativas que conectam ciência, conservação e turismo, aguçando a curiosidade nos profissionais de turismo da região.

A valorização da identidade é um dos fundamentos para reconhecer o patrimônio no contexto do turismo, e nesse sentido, o Projeto Albatroz atua para reforçar a conexão da população com as espécies presentes na região por meio do ecoturismo. De acordo com o coordenador de Educação Ambiental do projeto, Paulo Salomão, o Centro está localizado em uma área estratégica para compreender os ecossistemas locais.

“No nosso entorno predominam o mangue-negro e o mangue-branco, além de espécies típicas de áreas não alagadas, como a aroeira. A fauna mais característica é formada por crustáceos, como os chama-marés, os aratus e o guaiamum; e por aves lagunares, como garças, biguás, colhereiros e maçaricos”, explica.

Ele destaca ainda que esse conjunto de elementos transforma o local em uma referência para estudos, observação da natureza e formação de novos públicos interessados em conservação ambiental.

O que é Ecoturismo?

O ecoturismo refere-se a uma prática turística que valoriza o patrimônio natural e cultural de maneira sustentável, estimulando sua conservação, fortalecendo a consciência ambiental e contribuindo para o bem-estar das comunidades locais. A valorização do Centro é essencial pois a inter-relação entre o turismo e o meio ambiente é incontestável, uma vez que este último constitui uma das “matérias-primas” da atividade.

Alunos do curso Técnico em Guia de Turismo do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) 258 Hermes Barcelos visitaram o Projeto Albatroz para fortalecer a formação prática dos futuros profissionais. Segundo a turismóloga e guia de turismo da Secretaria de Turismo de Cabo Frio, Lívia Resende, esse tipo de atividade contribui para que os alunos entendam, desde cedo, como construir roteiros qualificados. “Queremos despertar neles o olhar profissional: avaliar acesso, embarque, estacionamento, funcionamento do Centro, acessibilidade. O Projeto Albatroz faz muito sentido para quem trabalha com turismo porque traz a importância ambiental de forma concreta”, completa.

Para Lívia, o Centro de Visitação se destaca por unir atratividade, educação e facilidade de acesso, características fundamentais de um ponto turístico estruturado. “Escolhemos o Projeto Albatroz como o primeiro ponto do roteiro dos alunos, porque

aqui eles aprendem, na prática, sobre ecologia e biodiversidade da região. É um espaço muito bem preparado, onde a experiência é mediada por profissionais, como a bióloga que apresentou o mangue, o albatroz e a importância ambiental da área”, explica.

Diante desse contexto, a recepção de visitantes torna-se fundamental para a valorização do Centro, especialmente na Região dos Lagos, onde Cabo Frio foi consolidada como centro turístico nacional pela Embratur na década de 1980. Atualmente, o contato direto com a natureza figura entre as principais motivações das viagens de lazer, o que reforça tanto a relevância desses espaços quanto a necessidade de atenção às consequências do fluxo intenso de turistas.



“Achei surpreendente aprender sobre as espécies de aves, siris e caranguejos, e ver na tela o tamanho do Albatroz, as baleias e as tartarugas. Aprendi que mangue é uma planta, não apenas o nome de um território. Foi uma experiência muito necessária”, afirma.



Já para a professora do curso, Maria Heloisa Silva, a atividade ampliou a percepção dos alunos sobre o patrimônio local. “Eles precisam conhecer melhor a região e entender o que têm em casa. É um percurso de conhecimento e observação em um espaço agradável, que eu mesma já incluiria como passeio de interpretação ambiental. Para quem está se formando, isso é essencial para se aprofundar no território”.

A vivência também impactou os estudantes, dentre eles, Guilherme dos Santos Rosa, aluno do 2º ano do ensino médio, que conta como ficou impressionado com a diversidade do local.

É necessário que turismo e meio ambiente encontrem um ponto de equilíbrio para que a atratividade dos recursos naturais não se transforme em fator de degradação. Nesse sentido, o aprendizado adquirido pelos alunos contribui para formar profissionais mais preparados para atuar no turismo ecológico. Para Guilherme, a experiência amplia a responsabilidade ambiental de futuros guias. “Isso ajuda tanto os turistas quanto nós a termos mais consciência ambiental. É importante conhecer as regras básicas para não prejudicar o meio ambiente. O curso é maravilhoso porque já aprendemos como agir e como conversar com um turista.”

Além das visitas mediadas, Paulo Salomão destaca que 2025 foi marcado por ações educativas relevantes, como as atividades com unidades escolares do Programa Albatroz na Escola (PAE), o primeiro Arraiá do Projeto Albatroz, o Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias e o evento de comemoração dos 10 anos do Coletivo Jovem Albatroz. “Também destacamos o trabalho com a Escola Municipal Prof. Carlos Alberto Gomes de Carvalho e o CIEP 193 Wilson Mendes, onde, após as capacitações com educadores, os estudantes vivenciam na prática o que foi aprendido em sala de aula”, acrescenta.



INSTITUTO ALBATROZ COMPLETA UM ANO DE EXECUÇÃO DO PROJETO DE MONITORAMENTO DE PRAIAS (PMP) NA REGIÃO DOS LAGOS

No período, mais de 200 animais marinhos foram resgatados vivos em Cabo Frio, Búzios e parte de Arraial do Cabo, entre eles, albatrozes, petréis, tartarugas e pinguins

No dia 10 de junho, o Instituto Albatroz completou um ano de execução do Projeto de Monitoramento de Praias (PMP-BC/ES) da Petrobras em parte da Região dos Lagos. No período, 569 animais marinhos entre aves e tartarugas foram recolhidos (216 vivos e 353 mortos) nas 25 praias monitoradas - de Unamar, em Cabo Frio, à Prainha, em Arraial do Cabo, passando pelas praias de Búzios - somando 54 quilômetros de litoral. A realização do PMP-BC/ES é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Neste primeiro ano foram realizadas 55 solturas de animais marinhos reabilitados - entre elas, um grupo de oito pinguins-de-Magalhães e um albatroz-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*). Adicionalmente, espécies raramente vistas na região, como dois petréis-gigantes (*Macronectes giganteus*), uma pardela-preta (*Procellaria aequinoctialis*) e um



rabo-de-palha-de-bico-vermelho (*Phaethon aethereus*), reintegrados ao seu habitat natural. Para completar a festa, na Semana do Meio Ambiente, duas pardelas-escuras (*Ardena grisea*) e uma pardela-de-barrete (*Ardena gravis*) reabilitadas pelo Instituto foram devolvidas para a natureza.

Gaivotas, atobás, fragatas e trinta-réis, entre outras aves marinhas típicas da região, também foram soltas no período. Contudo, apesar do sucesso dessas solturas, o Instituto enfrenta desafios significativos, como a morte de muitas aves e tartarugas devido à ingestão de plásticos descartados nas praias e intoxicação por alimentos fornecidos por banhistas. Estes incidentes evidenciam a necessidade urgente de conscientização ambiental e de medidas para mitigar a interação prejudicial entre a vida selvagem e as atividades humanas.



Resgate e Reabilitação

O monitoramento de praias pelo Instituto Albatroz é feito diariamente a pé e com o uso de quadriciclos por técnicos e monitores. Durante a atividade, aves e tartarugas marinhas encontradas vivas pelas equipes de campo são encaminhadas para o Centro de Reabilitação e Despetrolização (CRD) da fase de transição, em Araruama, também sob responsabilidade do Instituto Albatroz. Os animais encontrados sem vida também seguem para o CRD, onde são submetidos à necropsia para que a causa da morte seja determinada, sempre que possível.

No CRD, as aves marinhas passam por tratamento e são reavaliados para atestar se estão aptos a serem soltos, o que ocorre após a marcação com anilhas metálicas (no caso de aves voadoras) cedidas pelos Centros Nacionais de Conservação e Pesquisa (CEMAVE). Já os pinguins, ao invés de receberem anilhas, são equipados com nano chips subcutâneos. Essas medidas permitem o acompanhamento caso os animais apareçam novamente, mesmo em outra região. O CRD conta com uma equipe formada por médicos veterinários, auxiliares e tratadores. As tartarugas marinhas resgatadas vivas são estabilizadas no CRD de transição do Instituto Albatroz e então seguem para reabilitação no CRD do Instituto BW para a Conservação e Medicina da Fauna Marinha (IBW).

Temporada de Pinguins

Vale lembrar que, a partir do mês de junho até meados de setembro, os pinguins estão em migração, em busca de águas mais quentes e maior disponibilidade de alimentos, que se tornam escassos na Patagônia durante o inverno. Durante este período, muitos pinguins acabam nas praias da nossa região devido ao cansaço extremo ou doenças. Nestes casos - e, também, nos casos de tartarugas marinhas, outras espécies de aves marinhas e mamíferos marinhos (vivos ou mortos) – os banhistas devem acionar imediatamente o PMP-BC/ES através do telefone 0800 991 4800.

É importante ressaltar que, ao encontrar um pinguim na praia, não se deve tentar devolvê-lo ao mar, alimentá-lo ou tocá-lo. Não os coloque em recipientes com água ou gelo, pois eles já estão sofrendo com o frio. É fundamental ressaltar a importância de não tirar fotos com animais encontrados na natureza, especialmente aqueles que estão feridos ou debilitados. Esses animais já estão experienciando altos níveis de medo e ansiedade, e manipulá-los para fotos pode não apenas intensificar essas sensações como também agravar quaisquer ferimentos que possam ter.





Em animais mortos é realizada necropsia para identificar a causa da morte e avaliar se houve interação com atividades humanas, como embarcações, petrechos de pesca ou ingestão de resíduos não biodegradáveis (como plástico, linhas de pesca, isopor, balões e outros).

O Instituto Albatroz está presente em Cabo Frio desde 2014 e também realiza o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras. O projeto conta com um Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha às margens da Lagoa de Araruama, oferecendo um circuito imersivo sobre os ecossistemas da Região, os albatrozes e petréis e as ameaças que enfrentam, além da Cultura Oceânica. Durante a visita, é possível compreender melhor a relação entre os animais que vivem no oceano e o impacto das atividades humanas na conservação dessas espécies.



Sobre o PMP

O Projeto de Monitoramento de Praias (PMP) foi desenvolvido para o atendimento de condicionante do licenciamento ambiental federal das atividades da PETROBRAS de produção e escoamento de petróleo e gás natural, conduzido pela Coordenação Geral de Licenciamento Ambiental de Empreendimentos Marinhos e Costeiros (CGMAC) da Diretoria de Licenciamento Ambiental (DILIC) do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

O PMP está inserido em quatro núcleos, atuando nas bacias de Santos, Campos e Espírito Santo (onde está inserida a Região dos Lagos), Sergipe-Alagoas e Potiguar. Eles abrangem o litoral de dez estados, somando três mil quilômetros de costa brasileira. O projeto tem como objetivo avaliar possíveis impactos das atividades de produção e escoamento de petróleo e gás sobre as aves, tartarugas e mamíferos marinhos, através do monitoramento das praias e atendimento veterinário aos animais vivos e necropsia dos encontrados mortos.

A coleta desses dados fornece informações valiosas sobre essas espécies, contribuindo significativamente para a formulação de políticas públicas voltadas à conservação da biodiversidade marinha. A população também pode contribuir, acionando as equipes de monitoramento ao avistar um animal marinho vivo ou morto nas praias, através do telefone 0800 991 4800.



PMP-BC/ES
PROJETO DE MONITORAMENTO DE PRAIAS
BACIA DE CAMPOS / ESPÍRITO SANTO

Telefone de contato para
acionamento do **PMP-BC/ES** na
Região dos Lagos: **0800 991 4800**



MAIS DE 1.500 PESSOAS PARTICIPARAM DAS ATIVIDADES CULTURAIS E EDUCATIVAS DO ARRAIÁ DO ALBATROZ

Evento reuniu visitantes de toda a Região dos Lagos para apresentações de música, dança, cultura e feira de artesanato local

Muita festa, comida típica, exposição de coletivos de artesanato da Região dos Lagos e música embalaram o primeiro Arraiá do Albatroz, realizado no último sábado de junho de 2025, em Cabo Frio (RJ). O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, contabilizou a presença de 1537 pessoas, que participaram das atividades culturais, visitaram os pavilhões expositivos e também curtiram o show das bandas Trio Amarena e Giravinil.

A dança típica foi garantida com a presença de instituições de ensino da cidade, como os CIEPS 193 Wilson Mendes (Jacaré) e 357 José de Dome (Tangará), Escola Municipal Prof. Carlos Alberto Gomes de Carvalho (Peró) além de jovens da APAE de Cabo Frio e do CRAS Monte Alegre, que trouxeram coreografias que misturavam músicas juninas, forró e outras canções da atualidade, convidando os visitantes para dançarem junto ao redor do palco.

Próxima da área do palco, a praça de alimentação reuniu food trucks de empreendedores da cidade, com comidas típicas como milho e cocada, incentivando o comércio local.

Outra parceria para estimular a economia criativa foi a participação de artesãos locais, que expuseram e venderam seus trabalhos, com destaque para a Cooperativa Quilombola da Região dos Lagos, responsável pela organização da Feira Quilombola no Horto Municipal de Cabo Frio, e o Coletivo Afroempreendedor Dandaras, que utiliza o artesanato como ferramenta de transformação social e fortalecimento da autonomia feminina. As dandaras, como são conhecidas, capitanearam as recentes oficinas de artesanato oferecidas pelo Projeto Albatroz.

Segundo o coordenador de educação ambiental do Projeto Albatroz, Paulo Salomão, atrair o público e comerciantes da cidade é envolvê-los na cultura oceânica. “A ideia de trazer estudantes, empreendedores e artesãos veio do nosso desejo de valorizar a cultura tradicional das comunidades que estão no nosso entorno e fomentar o artesanato, a cultura e a economia local. São saberes, aptidões e talentos que fazem parte da identidade da nossa região”.



Entre as atividades infantis, o Projeto Albatroz organizou um espaço que adaptou as principais brincadeiras juninas à biologia dos albatrozes e petréis, aves ameaçadas de extinção. Ao invés de acertar a bola na boca do palhaço, propuseram acertar lulas na boca do albatroz; no lugar da pescaria tradicional, o albatroz que deveria fisgar um peixe para se alimentar; e simularam acertar anilhas nas patas do albatroz para lembrar a brincadeira das argolas. As atividades fizeram sucesso e foram organizadas pelos monitores do projeto.

Já nos pavilhões expositivos, que permaneceram abertos durante toda a festa, os visitantes aproveitaram a oportunidade para conhecer alguns animais-chave para conhecer as riquezas da biodiversidade marinha: baleias-jubarte, tartarugas, golfinhos, corais, caranguejos, meros e albatrozes. Projetos parceiros aproximaram o público desses animais, explicando como eles se relacionam com a conservação e a manutenção da saúde do oceano, um ecossistema tão presente na cidade.

O sucesso do evento foi garantido com a atuação de parceiros, que contribuíram com atividades estratégicas, como a Cooperativa Cooperben, formada por catadores da cidade, que ficaram responsáveis pela coleta e gestão dos mais de 20 kg de resíduos recicláveis coletados no arraiá.



Estratégias foram adotadas para reduzir o impacto ambiental, como a redução de plásticos e descartáveis através do uso de copos de papel, a ampla comunicação incentivando o uso de recipientes reutilizáveis. “Há quase quatro anos atuando em Cabo Frio, a COOPERBEN tem como objetivo contribuir com duas questões fundamentais: a destinação correta dos resíduos e a inclusão social dos catadores, promovendo organização, renda, visibilidade e dignidade a essa parcela da população em situação de vulnerabilidade”, explica Antônio Carlos, diretor da cooperativa.

Entre as instituições parceiras que contribuíram com as atividades educativas e culturais estiveram o Projeto Uçá, Projeto Coral Vivo, Projeto Aruanã e Projeto Navegando na Poesia, todos eles patrocinados pela Petrobras e com atuação no estado do Rio de Janeiro.

Mais do que uma celebração cultural, o Arraiá do Albatroz se consolidou como um evento de cidadania, pertencimento e responsabilidade com o território, promovendo a participação social de forma inclusiva e transformadora.





1º ENCONTRO PETROBRAS SOCIOAMBIENTAL DE SÃO PAULO CONTA COM A PRESENÇA DO PROJETO ALBATROZ

Evento em Santos (SP) reuniu projetos sociais e socioambientais patrocinados pela empresa em ações de educação ambiental e comunicação

Um espaço para exposições interativas, trocas de saberes e divulgação do trabalho feito pelos projetos sociais e socioambientais patrocinados pela Petrobras, além de programas realizados no âmbito do licenciamento das operações da companhia. Essa foi a essência do 1º Encontro Petrobras Socioambiental, realizado pela primeira vez no estado de São Paulo no dia 16 de outubro, no Edifício Sede da Petrobras (EDISA), em Santos (SP). O Projeto Albatroz, que tem sede na cidade, participou do evento como parte da Rede Biomar ao lado dos colegas do Projeto Baleia Jubarte, que também possui uma base no litoral paulista, na cidade de Ilhabela (SP).

O evento reuniu mais de 270 pessoas, entre elas 40 lideranças comunitárias, 27 representantes do poder público e 32 projetos patrocinados, que teve a oportunidade de conhecer o impacto positivo das iniciativas em exposições, atividades e painéis.

Este encontro contou com o engajamento da equipe de educação ambiental e comunicação do Projeto Albatroz, além de integrantes do

Coletivo Jovem Albatroz (CJA), que levaram ao evento atividades que buscavam conectar os funcionários da Petrobras com o oceano, suas riquezas, sua beleza e biodiversidade, em especial as 11 espécies de albatrozes e petréis que se alimentam todos os anos em águas brasileiras e estão ameaçadas de extinção por fatores que vão desde as mudanças climáticas até a interação com barcos de pesca de espinhel.

Em cada material exposto pelo projeto, havia uma oportunidade de mergulhar na temática oceânica e aprender mais sobre as aves marinhas. Um deles, um globo terrestre que mostra as rotas de voo dos albatrozes ao redor do mundo, chamou atenção dos visitantes, assim como o painel de asas, que compara a envergadura do albatroz-viageiro (*Diomedea exulans*), que pode chegar a 3,5m, a outras aves conhecidas, como a gaivota (*Larus dominicanus*) e o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*).

Materiais biológicos, como penas, ossos, crânios e até mesmo uma réplica de ovo de albatroz em tamanho real encantaram o público e geraram



curiosidade, abrindo espaço para trocas de conhecimento sobre essas aves, que passam a maior parte da vida em alto-mar.

Tatiana Neves, fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, que é patrocinado pela Petrobras desde 2006, participou do painel “Os desafios da conservação e recuperação ecológica” e explicou que é uma honra participar do encontro e celebrar o impacto positivo de tantas iniciativas presentes no estado. “Fiquei impressionada com a quantidade e a diversidade dos projetos apresentados. É sempre uma experiência engrandecedora poder conhecer tantos profissionais talentosos e dialogar sobre algo que é tão importante nessa Década do Oceano: a biodiversidade marinha e a busca por soluções sustentáveis”.

Além da grande diversidade de projetos patrocinados apresentados no encontro, também participaram projetos ligados ao licenciamento ambiental da Petrobras, como o Projeto de Monitoramento de Praias (PMP-BS), Projeto de Monitoramento de Impactos de Plataformas e Embarcações sobre a Avifauna da Bacia de Santos (PMAVE) e Projeto de Monitoramento de Cetáceos na Bacia de Santos (PMC-BS). Entre os representantes da Petrobras no evento estavam o gerente-executivo de Responsabilidade Social da companhia, José Maria Rangel, o gerente de Projetos Ambientais da Petrobras, Gregório Maciel, e o gerente setorial de Responsabilidade Social da regional SP, Israel Oliveira.




Criada em 2007, a Rede de Conservação da Biodiversidade Marinha (Rede Biomar) é formada pelos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil e é coordenada pela Petrobras.





EDUCAÇÃO AMBIENTAL



AÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO DE LONGO PRAZO TRANSFORMAM A RELAÇÃO DAS PESSOAS COM O OCEANO

Estudo inédito da Rede BIOMAR e do Programa Maré de Ciência da UNIFESP revela que projetos de conservação marinha de longa duração aumentam em até 20% a consciência ambiental em comunidades costeiras

Na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, onde a cultura oceânica para a resiliência climática é destaque nacional, dados inéditos sobre educação ambiental apontam caminhos promissores. Um estudo inédito da Rede BIOMAR em parceria com o Programa Maré de Ciência da UNIFESP revela aumento de até 20% na consciência ambiental em regiões com projetos de conservação de mais de 20 anos apoiados pela Petrobras.

Estes são os primeiros dados de longo prazo que demonstram, de forma científica, a influência positiva de projetos socioambientais na percepção pública sobre o oceano. Eles abrem novos caminhos para a formulação de políticas e programas de educação e comunicação voltados à resiliência climática e à sustentabilidade, em um contexto global de transformação acelerada.

Um novo estudo com dados das regiões de atuação da Rede BIOMAR, que reúne cinco dos principais projetos de conservação marinha do país — Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil — e a Petrobras, demonstra que iniciativas de educação e conservação de longo prazo são decisivas para transformar a forma como a sociedade se relaciona com o oceano e o meio ambiente. Realizado com entrevistados selecionados de forma aleatória e residentes em municípios costeiros, os dados apontam que a atuação desses projetos de longa duração (com pelo menos duas décadas de atuação) aumentam a

percepção das pessoas sobre sua conexão com o oceano em mais de 10%, chegando a 20% em alguns indicadores. Os resultados indicam que investimentos contínuos em educação ambiental e sensibilização comunitária têm efeito direto e duradouro no comportamento social e ambiental.

Principais resultados

Percepção ampliada: a percepção de como o oceano impacta a vida das pessoas é 11% maior entre os que conhecem projetos da Rede BIOMAR.

Informação e engajamento: 88% dos que conhecem os projetos afirmam buscar informações sobre o oceano — 23% a mais que o grupo sem contato com as iniciativas.

Mobilização: 87% sentem-se motivados a contribuir com a conservação — 13% acima do grupo controle.

Ação concreta: 82% estão dispostos a mudar hábitos pelo bem do oceano, sendo que 47% se declaram extremamente dispostos (quase o dobro do grupo controle).

Protagonismo social: mais de 90% dos entrevistados ligados à Rede BIOMAR afirmam estar prontos para agir como agentes de mudança ou de divulgação — 12% acima do grupo controle.

Esses resultados confirmam que ações educativas e de sensibilização geram mudanças reais, mensuráveis e duradouras.

A continuidade dos projetos é fundamental para consolidar essa transformação em escala social e apoiar políticas públicas de resiliência climática e sustentabilidade.

Sobre a Rede BIOMAR

Criada em 2007, coordenada pela Petrobras e tendo como integrantes cinco projetos reconhecidos nacional e internacionalmente, a Rede BIOMAR atua de forma integrada na pesquisa científica, conservação da biodiversidade e educação ambiental ao longo de todo o litoral brasileiro.

Com foco em espécies-chave e ecossistemas estratégicos, os projetos da rede combinam ações científicas, comunitárias e educativas, mostrando que a longevidade e a continuidade são diferenciais fundamentais para fortalecer a consciência ambiental e formar novas gerações de cidadãos oceânicos.

A Rede de Conservação da Biodiversidade Marinha (BIOMAR) é formada pelos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil e é coordenada pela Petrobras.





PROJETO ALBATROZ INTEGRA AÇÕES DO DIA MUNDIAL DE CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO EM CABO FRIO

Roteiro desenvolvido para o Centro Dia privilegiou convivência, conhecimento e bem-estar como formas de inclusão social dos assistidos

O Centro de Visitação do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, integrou a programação especial do Dia Mundial da Conscientização do Autismo, celebrado em 2 de abril. A iniciativa fez parte das atividades do Centro Dia, serviço socioassistencial da Secretaria de Assistência Social de Cabo Frio, que atende pessoas com deficiência a partir dos 18 anos. Com foco na inclusão social, o roteiro foi pensado para promover a convivência, o conhecimento e o bem-estar por meio de uma experiência imersiva com a temática da conservação marinha e a interação com elementos da fauna oceânica.

Com seus quatro pavilhões, a exposição do Projeto Albatroz destaca conhecimentos e experiências sobre a biodiversidade marinha

e a cultura oceânica. O circuito proporciona, em cada espaço, estímulos diferenciados, conferindo à atividade não só um caráter educativo, como também social, cognitivo e afetivo, como ressaltou o coordenador do Centro Dia, João Pedro Rabelo: “Para muitas pessoas com deficiência, ver o fóssil de uma baleia ou conhecer essa ave incrível que cruza os oceanos, como o albatroz, não é experiência comum.” – enfatiza o coordenador ao relembrar os momentos mais emocionantes da visita e considera: “O acesso ao conhecimento, à natureza e à cultura precisa ser para todos. E foi isso que aconteceu neste passeio: olhos brilhando, sorrisos que não cabiam no rosto e aquele silêncio de admiração que diz mais do que qualquer palavra.”

A atividade mobilizou 50 assistidos e um total de 67 participantes. O monitor do Projeto Albatroz, Vitor Ribeiro, teve sua primeira experiência de mediação com um grupo atípico e falou do potencial para a sensibilização para conservação dos oceanos para públicos cada vez mais diversos:

“O que mais me encantou foi perceber que o Centro de Visitação pode proporcionar uma diversidade de interações sendo um espaço múltiplo em oportunidades para as pessoas que vêm nos visitar – pontua o monitor e destaca, ainda, sobre a visita: “ Alguns visitantes mostraram grande curiosidade e me encheram de perguntas; outros falaram um pouco menos e alguns, só se dedicaram à observação e isso me permitiu ter um olhar para as pessoas cada vez mais novo, reconhecendo que cada um tem seu próprio modo de curtir o espaço Albatroz, a exposição e a própria vida. Hoje foi uma celebração da diversidade.”

O Centro de Visitação pode proporcionar uma diversidade de interações sendo um espaço múltiplo em oportunidades para as pessoas que vêm nos visitar

O papel social do Projeto Albatroz

O educador ambiental do Projeto Albatroz Alessandro Andrade trabalha com foco no relacionamento com as comunidades e reforça a importância de grupos diversos e representativos se apropriarem do espaço: “Estar incluído na programação do Dia Mundial da

Conscientização do Autismo, sendo reconhecido como um espaço para a sociabilidade, a educação e a cultura capaz de abraçar públicos diversos é um grande privilégio. A cidade, o meio ambiente e, principalmente, os cidadãos ganham muito ao ocupar espaços capazes de acolhê-los e fazer sentir-se pertencentes.”



Como forma de apoio à causa, a equipe do Centro de Visitação utilizou o uniforme azul para recepção do grupo, que é a cor símbolo da conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, distribuiu o boné, também, na cor azul do Projeto Albatroz aos participantes da atividade. Para o coordenador do Centro Dia, a ação simbólica fez todo sentido:

“O acolhimento da equipe do Projeto foi essencial para o bem-estar do grupo, a inclusão e a percepção do respeito. Com isso, o aprendizado torna-se mais poderoso. Porque não se trata apenas de ver. É sobre sentir, pertencer, fazer parte.”



“EXPEDIÇÃO DOS ALBATROZES E PETRÉIS” LEVA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL À PROGRAMAÇÃO DE FÉRIAS DO AQUÁRIO DE SANTOS

Atividade focada no desenvolvimento da primeira infância introduziu conceitos sobre a conservação marinha através de experiências lúdicas

A tração já tradicional na temporada de Verão de Santos (SP), a programação do Curso de Férias do Aquário Municipal contou com mais uma vez com a presença do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras. Na segunda semana de janeiro, a equipe de educação ambiental preparou uma nova atividade para as cerca de 30 crianças que participaram: a “Expedição dos Albatrozes e Petréis”, que buscou despertar o interesse pela vida das aves marinhas, a criatividade, raciocínio lógico e senso crítico por meio de uma caça ao tesouro.

A oficina lúdica, pensada especialmente para crianças de 5 a 7 anos, se inspirou nas antigas caças ao tesouro, e propôs que elas assumissem

o papel de cientistas por um dia, em busca da Ilha dos Albatrozes e Petréis. Durante a atividade, as crianças tinham que buscar e seguir pistas que revelavam curiosidades dessas aves marinhas, como seu estilo de voo sobre o oceano, o tipo de alimento que comem, o cuidado único com seus ovos, aprendendo também sobre a importância da conservação ambiental e marinha.

Os albatrozes e petréis, por exemplo, geram curiosidade por sua envergadura, que pode chegar até 3,5m, pelas diferentes tonalidades de penas e bicos, suas características peculiares de reprodução, que envolvem ter um único parceiro durante a vida e somente um ovo a cada temporada, que tornam importante o cuidado com o ovo e o filhote para a continuidade da espécie.

Ao aprenderem sobre a alimentação dos albatrozes, que consiste principalmente de lulas e pequenos moluscos, entendem como ocorre a captura incidental pelos barcos de pesca e também o impacto dos resíduos plásticos no oceano. Ao confundirem sacolas e outros itens plásticos com seu próprio alimento, as aves podem morrer por fome e interrupção do fluxo gastrointestinal, uma das principais ameaças a essas espécies oceânicas.

De acordo com a educadora ambiental do Projeto Albatroz em Santos (SP), Arianne Fonseca, as crianças aprendem brincando, por esse motivo as atividades lúdicas acabam gerando interesse pelas questões ambientais. “Nossa ideia é sempre trazer ferramentas educativas que sejam práticas, que gerem curiosidade, acessando a criatividade”, explica. “Na primeira infância, a criatividade é essencial para desenvolver também o raciocínio lógico e senso crítico dos pequenos, sensibilizando-os sobre as urgências das questões ambientais e tornando-os multiplicadores dentro de suas escolas e famílias”.

As atividades do Curso de Férias do Aquário Municipal de Santos tinham inscrições limitadas e a participação era feita mediante doação de 1kg de alimento não perecível para o Fundo Social de Solidariedade.



EM SÃO PAULO (SP), ESCOLA MÓBILE CONVIDA PROJETO ALBATROZ PARA “UM MERGULHO NO OCEANO”

Evento teve a participação de outras organizações de conservação marinha e estimulou a reflexão sobre a importância da cultura oceânica para o futuro

A juventude é o futuro do oceano. Com essa frase em mente, a Escola MóBILE, de São Paulo (SP), organizou em abril um evento especial com seus alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Intitulado “Um mergulho no oceano: Conscientização e ação”, ele envolveu mais de 40 crianças em atividades que estimularam o debate sobre a conservação marinha e o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, foi uma das instituições convidadas.

Entre palestras, oficinas interativas e debates com especialistas, os estudantes puderam aprender mais sobre o meio ambiente marinho, sua rica biodiversidade e também a importância da reciclagem na conservação desse ecossistema. O objetivo foi empoderá-las com informações para serem capazes de somar forças para pensar e agir pela cultura oceânica em nosso dia a dia, desde a infância.

Tatiana Neves, fundadora e coordenadora do Projeto Albatroz, fez uma apresentação sobre a biologia e as principais características desse grupo de aves marinhas ameaçadas de extinção: das 22 espécies existentes, mais da metade tem algum risco de desaparecer. Os estudantes ficaram curiosos sobre a envergadura das asas do albatroz-viageiro (*Diomedea exulans*), que pode chegar a 3,5 m (maior do que um carro popular), o hábito de serem monogâmicos e também de voarem milhares de quilômetros todos os anos, praticamente dando a volta ao mundo.

Segundo ela, a troca com os alunos foi muito especial porque ficaram sensibilizados sobre como todos podem impactar nas ameaças e também na proteção de espécies tão sensíveis às mudanças climáticas como os albatrozes e petréis. “Quando estimulamos as crianças a amar e proteger os oceanos, inspiramos pequenos guardiões da natureza, que verão em cada onda um motivo para trabalhar por um futuro oceânico cheio de beleza, biodiversidade e esperança”, afirmou. “Acredito que todas as crianças têm o poder de amplificar essa mensagem e sensibilizar seus amigos e família, fortalecendo essa rede de conservação”.

Tatiana também teve a oportunidade de encontrar o professor da Alexander Turra, fundador da São Paulo Ocean Week e coordenador da Cátedra do Oceano pela UNESCO e Cadu, estudante da Escola MóBILE por trás do perfil @ouniversodocadu, que tem 11 anos e é embaixador do oceano na São Paulo Ocean Week. “A natureza precisa da nossa ajuda, e a hora de agir é agora. Nós, crianças, temos um papel super importante nessa missão — porque o futuro é nosso, mas começa com o que a gente faz hoje”, explicou Cadu. “Participar de projetos de conscientização social e ambiental é uma forma de aprender, de cuidar e de mostrar que mesmo sendo criança, a gente pode fazer a diferença.”

Também participaram do evento ONGs como Green Mining, Project Paradise, Projeto Transformar, Gelo na Bagagem e Voice of the Oceans.



BANDEIRA AZUL: PROJETO ALBATROZ PARTICIPA DAS INICIATIVAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A TEMPORADA 2024/2025

A ação em Saquarema é voltada à comunidade local e aos turistas, atendendo a um dos critérios para a certificação internacional.

O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras e colaborador do Programa Bandeira Azul em Saquarema desde sua primeira certificação em 2022/2023, iniciou as ações de educação ambiental para a temporada 2024/2025. Coordenada pela Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Turismo, a ação promoveu interação e atividades com o público em geral, buscando ainda mais vínculo, envolvimento e sensibilização nas práticas que garantem o selo internacional à praia de Itaúna.

Além das abordagens sobre conservação marinha e cultura oceânica, foram realizadas atividades lúdicas e exposição de materiais biológicos de albatrozes, anzóis e demonstração das medidas mitigadoras da captura incidental como o torilne, desenvolvido com base em estudos do Projeto Albatroz.

“Estar presente na praia, em um momento de lazer, criando oportunidades de interação e aprendizado, surpreende o público e torna a experiência diferenciada”, destaca Paulo Salomão, coordenador de educação ambiental do Projeto Albatroz. Ele explica: “Essa conexão com a conservação marinha sensibiliza as pessoas para as missões do Projeto Albatroz, que vão além da conservação das aves oceânicas, abrangendo também pesquisa e políticas públicas em prol da biodiversidade marinha.”

Para além da qualidade ambiental

O Programa Bandeira Azul surgiu no ano de 1987, como uma iniciativa do Foundation for Environmental Education (FEE) - uma organização não governamental que promove a educação ambiental para o desenvolvimento sustentável.



comportamento dos que frequentam nosso litoral é o cerne do que rege o Programa Bandeira Azul, o que se dá através de educação ambiental, pois através da prática do uso responsável das nossas praias, podemos de fato restaurar, preservar, mantendo nosso ambiente vivo e saudável.”

Um só oceano

A premiação surgiu em resposta à campanha para a sensibilização dos países da União Europeia sobre a conservação das áreas costeiras. Naquele ano, 244 praias e 208 marinas em 10 países europeus foram reconhecidas.

Em 2001, o Programa tornou-se internacional com a entrada de cinco países da Bacia do Caribe, África do Sul e Marrocos. O Brasil aderiu à iniciativa em 2005 e, em 2021, um total de 77 países já estavam associados à proposta de “um mundo sustentável no qual a educação cria mudanças positivas para todos”.

Ao longo destes 38 anos de certificação, a FEE manteve-se orientada pelo princípio de que a educação ambiental é a diretriz para geração e formação de valores sociais que enfatizam a cooperação, a empatia, a responsabilidade e a compaixão uns pelos outros e pelo planeta. A premiação não só considera requisitos ambientais, tais como qualidade da água e a gestão do lixo, como também a participação social na conservação dos ambientes costeiros:

“Mobilizar a comunidade local e nossos turistas para que se envolvam em ações de sensibilização e educação ambiental foi de extrema importância para conquistarmos o tão reconhecido selo Bandeira Azul, e continua sendo fundamental para a manutenção desta premiação.” – considera Marcelli Ladeira, coordenadora local do Programa Bandeira Azul e reforça: “A mudança de

A educação ambiental é uma das principais frentes de atuação do Projeto Albatroz. Desde 2011, a iniciativa promove a formação e sensibilização do público, dentro e fora das escolas, utilizando materiais lúdicos que abordam a conservação do oceano.

Em parceria com a Prefeitura de Saquarema, o Projeto Albatroz tem contribuído com ações de educação ambiental desenvolvidas para a mobilização e sensibilização da comunidade local e turistas com o objetivo de atender aos critérios de educação e informação ambiental para a certificação do selo Bandeira Azul em Itaúna.

Thaís Lopes, educadora ambiental e responsável pelas propostas e estratégias de educação ambiental nos eventos em Saquarema deste a primeira certificação pontua: “Desenvolver propostas pedagógicas para a educação ambiental no âmbito do Bandeira Azul é desafio duplo:

sensibilizar um público variado em seu momento de lazer e, ao mesmo tempo, atender aos critérios internacionais da certificação, que conta com jurados nacionais e internacionais.”

Ao todo, atualmente, existem 3.503 praias certificadas pelo Programa

Bandeira Azul no mundo, ou seja, áreas costeiras protegidas e conservadas não somente pelas ações de gestão ambiental mas sobretudo pela população local. Nunca o ditado “uma gota no oceano” fez tanto sentido.

Desenvolver propostas pedagógicas para a educação ambiental no âmbito do Bandeira Azul é desafio duplo



EVENTOS ESPORTIVOS CONTRIBUEM PARA LEGADO AMBIENTAL EM SAQUAREMA

Projeto Albatroz, em parceria com o Bandeira Azul, reforça compromisso com a conservação marinha em competições esportivas de grande alcance

O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, participou de três grandes eventos esportivos realizados no primeiro trimestre deste ano, em Saquarema, Rio de Janeiro. As atividades de educação ambiental foram inseridas na programação do Festival Rua, Esporte, Mar e Arte (REMA), do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia e do Aloha Spirit Festival a convite do Programa Bandeira Azul.

A educação ambiental é um dos quatro pilares do programa e é essencial para promover práticas sustentáveis entre atletas, organizadores e o público. Integrar iniciativas como as do Projeto Albatroz à programação dos eventos fortalece a missão de engajar a sociedade na conservação marinha e costeira, promovendo experiências que aliam lazer, esporte e responsabilidade socioambiental.

“A associação entre esporte e meio ambiente tem se consolidado como tendência em grandes competições.

Desde que o Projeto Albatroz inaugurou o seu centro de visitação, em 2023, os convites para eventos esportivos têm aumentado consideravelmente. Isso acontece porque esse público é naturalmente conectado à natureza — que é o palco dessas competições — e está cada vez mais atento à conservação dos ecossistemas”, afirma Thaís Lopes, educadora ambiental do Projeto Albatroz.

Entre os destaques desse calendário esportivo, o Aloha Spirit Festival tem se posicionado como referência em práticas ESG (Ambientais, Sociais e de Governança). Com um espaço exclusivo para as propostas de educação ambiental, os organizadores sempre identificaram o evento como “um grande influenciador de atitudes tanto para os atletas como para o público em geral”, como afirma Noa Magalhães, idealizadora do programa de sustentabilidade: “Em 2019, implementamos um programa de sustentabilidade que atende aos 17 ODS, integrado à Agenda 2030”, relata Noa. Ela complementa: “Em 2023, o eixo da

educação ambiental ganhou um espaço especial por meio do Expo Aloha Ambiental. Este espaço foi inaugurado para a etapa de Saquarema em que o Projeto Albatroz está conosco desde então, contribuindo para sensibilizar, como foi este ano, mais de 600 alunos das escolas municipais, além do público em geral.”

Conhecer para conservar

“Estar presente em atividades ao ar livre, em espaços de contato com a natureza, sensibilizando para a conservação dos albatrozes, petréis e da biodiversidade marinha já é uma estratégia do Projeto Albatroz” – pontua o coordenador de Educação Ambiental do Projeto Albatroz, Paulo Salomão e complementa: “mas, atuar com o público mediante uma atmosfera positiva, de muita vibração, é ainda mais significativo para o alcance da nossa mensagem.”



A equipe de Educação Ambiental do Projeto Albatroz participou de todas as propostas de evento utilizando materiais lúdicos que abordam a conservação do oceano, interagindo com o público para a demonstração das medidas mitigadoras e “instigando o desejo dos participantes em conhecer mais sobre a biologia e conservação dos albatrozes e petréis na nossa exposição imersiva no Centro de Visitação, em Cabo Frio” – como reforça o coordenador Paulo Salomão.

Para Marcelli Ladeira, coordenadora local do programa Bandeira Azul, a educação ambiental é um pilar contínuo e essencial para o município. “O selo exige um compromisso permanente, diário, com práticas ambientais responsáveis. Em Saquarema isso ganha ainda mais força com o nosso calendário esportivo, que permite integrar diferentes atores — como organizadores, poder público, sociedade civil e projetos parceiros — em ações conjuntas de sensibilização”, destaca. Ela ressalta ainda o papel do Projeto Albatroz como parceiro estratégico. “Desde o primeiro convite, a parceria tem se fortalecido a cada edição. Essa união tem feito toda a diferença para a cidade, porque sem mudança de comportamento não há como melhorar as condições das nossas praias”, conclui.

Com a participação ativa de projetos como o Albatroz e o compromisso permanente do programa Bandeira Azul, as atividades de educação ambiental em Saquarema não apenas sensibilizam o público como ampliam o legado positivo deixado pelos eventos esportivos para além das arenas e das praias.



WORLD CLEAN UP DAY: PROJETO ALBATROZ RECOLHE 357 KG DE RESÍDUOS EM CABO FRIO (RJ) E SOMA AOS NÚMEROS DA REDE BIOMAR



Atividade realizada no Centro de Visitação teve a participação de escolas municipais, moradores das comunidades do entorno e voluntários

Campanha global para mobilizar voluntários em torno da necessidade de limpeza de mares, rios, lagoas e oceanos, o World Clean Up Day deste ano foi marcada pelos esforços da Rede Biomar, formada pelos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil —, patrocinados pela Petrobras, com mutirões de limpeza de praia realizados entre os dias 13 e 27 de setembro em cinco estados, somando 4,7 toneladas de resíduos coletados - 357 kg somente na ação de Cabo Frio (RJ), realizada pelo Projeto Albatroz.

Nessa ação específica, mais de 50 voluntários se reuniram na manhã do dia 17 para limpar uma área de cerca de 500 metros às margens da Laguna de Araruama, que banha o Centro de Visitação do Projeto Albatroz e serve de abrigo e alimento para dezenas de espécies de aves limícolas que vivem e migram na Região dos Lagos.

Escolas municipais, como o CIEP 193 Wilson Mendes, da comunidade de Jacaré, moradores dos bairros do entorno, integrantes do Coletivo Jovem Albatroz, colaboradores da Petrobras e outros

voluntários coletaram, em sua maioria, objetos plásticos, como garrafas, embalagens e sacolas, além de pedaços de madeira, brinquedos e outros itens, somando 357 kg - o quinto maior resultado dentre as 20 ações realizadas pela Rede Biomar. Em parceria com a Cooperben, cooperativa de catadores de Cabo Frio que atua com reciclagem, educação ambiental e inclusão social, todos os resíduos coletados e separados foram destinados corretamente.

Em Santos (SP), já no dia 20, o Projeto Albatroz também foi convidado para outra atividade de limpeza, organizada na Praia do Gonzaga, pelo Instituto Supereco em parceria com voluntários da Petrobras, Projeto Albatroz, Projeto Mantas do Brasil, ETEC Escolástica Rosa, Composta & Cultiva, Unimar e Rotary Club. Foram retirados da areia mais de 53 kg de resíduos com ênfase no microlixo e os grandes destaques foram os microplásticos e as bitucas de cigarro: foram 17,8 kg de plásticos e 1.646 bitucas.



Ação de relevância nacional

Com o objetivo de reforçar o papel da ciência cidadã e da educação ambiental na conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos, o mutirão da Rede Biomar aconteceu nas cidades de Barreiros (PE), Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro, Caraíva, Prado e Cumuruxatiba (BA); Vitória (ES); Rio de Janeiro, Cabo Frio e Macaé (RJ), São Sebastião e Ilhabela (SP).

No total, 1.813 voluntários percorreram 28 km de faixa litorânea, encheram 557 sacos de lixo e removeram 4,717 kg de resíduos (4,7 toneladas), com 32.013 itens registrados. A triagem somou 127 horas, cobrindo 194 sacos, o que permite qualificar o diagnóstico e alimentar bancos de dados que subsidiam políticas públicas. Em termos regionais, a Bahia liderou o volume coletado (2.203,7 kg), seguida por Rio de Janeiro (1.336,6 kg), Pernambuco (1.105,0 kg), São Paulo (51,7 kg) e Espírito Santo (20,1 kg) — diferenças que refletem tanto o tamanho das áreas e o engajamento local quanto características de uso e descarte nas praias.

O plástico foi mais uma vez o material mais coletado em nível nacional. Do total de resíduos, ele correspondeu a 36,6% em peso (1,7 tonelada) e a mais da metade dos itens registrados (51%). Nas amostras triadas de forma detalhada, esse percentual chegou a 85%, confirmando a predominância do plástico entre os resíduos que poluem as praias brasileiras e impactam diretamente os recifes de coral.

Além dos números, achados inusitados ajudam a contar a história do lixo no mar. Durante os mutirões, equipes identificaram dois fardos de borracha da Segunda Guerra Mundial — um enterrado em Arraial d’Ajuda (BA) e outro na restinga de Barreiros (PE) —, resíduos históricos associados a cargas de navios alemães afundados no Atlântico em 1944 que, mais de 80 anos depois, ainda emergem nas praias do Nordeste.

Também chamaram atenção garrafas PET com rótulos em chinês, recolhidas em Prado (BA) e Barreiros (PE), além de itens como assento de privada, um garrafão plástico com validade de 1997, um bujão de gás e bonecas de plástico danificadas — evidências de que correntes, ventos e hábitos de consumo dispersam resíduos por longas distâncias e por muito tempo.

O resultado deste ano reafirma a importância do engajamento da sociedade e da conscientização: cada voluntário que coleta, registra e classifica resíduos transforma a limpeza em dado científico — informação que fortalece campanhas educativas, orienta gestores públicos e inspira mudanças regulatórias e de comportamento. Desde 2018, as ações articuladas pelos projetos da Rede Biomar já mobilizaram mais de 4.400 pessoas e retiraram 17 toneladas, além de consolidar uma metodologia de triagem e registro que alimenta bases nacionais e internacionais.

RANKING DAS CIDADES POR PESO TOTAL DE RESÍDUOS (KG)



Barreiros (PE) – 1.077,0 kg

Parque Campo do Arraial (BA) – 721,0 kg
Rio de Janeiro (RJ) – 592,6 kg
Macaé (RJ) – 389,0 kg
Cabo Frio (RJ) – 357,0 kg
Arraial d'Ajuda (BA) – 280,5 kg
Santa Cruz Cabrália – Vila Criativa (BA) – 254,5 kg
Porto Seguro – Orla (BA) – 245,9 kg
Prado (BA) – 243,9 kg
Santa Cruz Cabrália – Santo André (BA) – 115,0 kg
Caraíva – Xandó (BA) – 77,0 kg
Caraíva – Sede Velha (BA) – 69,0 kg
Cumuruxatiba (BA) – 61,9 kg
Santa Cruz Cabrália – Praia Arakakaí (BA) – 55,4 kg
Santa Cruz Cabrália – Guaiú (BA) – 52,0 kg
São Sebastião (SP) – 44,5 kg
Fernando de Noronha (PE) – 28,0 kg
Santa Cruz Cabrália – Coroa Vermelha (BA) – 27,5 kg
Vitória (ES) – 20,1 kg
Ilhabela (SP) – 7,2 kg



Sobre a Rede Biomar

A Rede de Conservação da Biodiversidade Marinha (Biomar) é formada pelos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil, patrocinados pela Petrobras, através do Projeto Petrobras Socioambiental. Desde 2008, a Rede Biomar realiza limpezas em praias e ambientes costeiros com metodologia padronizada e unifica e qualifica os dados que apoiam pesquisas e políticas públicas, além de sensibilizar voluntários para a reflexão sobre a produção e gestão de resíduos, ampliando o impacto das ações locais na conservação ambiental.



ENCONTRO PELOS 10 ANOS DO COLETIVO JOVEM ALBATROZ REÚNE MAIS DE 117 JOVENS DE PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

Durante três dias, os participantes discutiram o protagonismo juvenil frente aos desafios climáticos

De 28 a 30 de novembro, o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, foi palco de diálogos, reflexões e uma extensa programação em celebração aos 10 anos do Coletivo Jovem Albatroz (CJA). Como parte da celebração, foi inaugurada, em um momento especial a exposição fotográfica “Retratos da Juventude que Ousou Cuidar do Mar” que resgata a história do Coletivo Jovem Albatroz de forma visual. A mostra segue em exibição no Centro de Visitação, em Cabo Frio (RJ), até o fim do ano.

A programação começou com uma mesa-redonda que reuniu Tatiana Neves, fundadora do Projeto Albatroz; Ana Paula Marques, gestora da Petrobras; Yasmin Saracho, integrante da

primeira turma do CJA; e Kailany Lima, uma das primeiras monitoras do Centro de Visitação e integrante do CJA. A proposta da mesa foi refletir sobre o passado, o presente e o futuro do CJA, destacando a importância da força jovem em pautas socioambientais.

A mediação da conversa foi feita por Thaís Lopes, educadora ambiental que coordena o Coletivo Jovem Albatroz e integrante de sua primeira turma. Segundo ela, o objetivo foi revisitar a trajetória do grupo e compreender a sua evolução ao longo dos anos: “Minha intenção ao promover essa mesa foi dividir com outros jovens as histórias e os relatos de transformação inspiradores que são compartilhados comigo, de celebrar os passos dados pelo CJA ao longo destes anos com os que estão chegando e de mostrar que é possível conquistar o que desejamos.”



O encontro reuniu grupos com atuações socioambientais do Rio de Janeiro, especialmente os que atuam na Região dos Lagos, como a Rede Biomar, com representantes do Projeto Baleia Jubarte, Projeto Coral Vivo e Meros do Brasil; Projeto Imersão, da Universidade Veiga de Almeida (UVA), Projeto Costão Rochoso, Projeto Cavalos-Marinheiros, Projeto Mantas do Brasil, Projeto Mangue ao Mar, Projeto Uçá, Projeto Vidançar, Pré Vestibular Conceição Evaristo, 38° G.E. Chefe Manoel Rocha, Batalha de Rima União dos Coletivos; Representantes da Secretaria da Família e Juventude de Cabo Frio e alunos do Instituto Federal Fluminense também estiveram presentes neste momento. E para anfitriar a celebração, estiveram presentes membros do Coletivo Jovem Albatroz de diversas gerações, jovens que ingressaram de 2015 até as turmas atuais da Baixada Santista/SP e Região dos Lagos/RJ.

Durante as dinâmicas de integração, cada participante expôs os objetivos e a forma de atuação do seu projeto, evidenciando sua conexão pessoal com o oceano e com a conservação marinha.

Essa troca proporcionou reflexões sobre a importância da tradução do conhecimento científico, da valorização da territorialidade, do diálogo com a comunidade, e da sensibilidade para o que é coletivo.

Mesmo vindo de trajetórias distintas, todo mundo ali carregava o mesmo desejo: o de construir um mundo melhor

Para o Guilherme Almeida, integrante do Coletivo Jovem Mantas, esses diálogos ampliaram sua visão sobre o protagonismo juvenil: “Confirmamos que somos o presente da conservação, e não apenas o futuro. O contato com outros coletivos trouxe novas perspectivas fundamentais e provou que o protagonismo juvenil ganha potência real quando trabalhamos coletivamente. É no diálogo e na partilha de experiências que encontramos a força necessária para transfor(mar).”

Juventude socioambiental

Além das iniciativas ambientais, a programação contemplou a área sociocultural, com a participação de projetos como Projeto Vidançar, patrocinado pela Petrobras e Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, e União dos Coletivos, um time formado pelo Mestre de Cerimônia Johw e mais cinco MCs de batalha de rima. Dessa forma, artistas de Cabo Frio demonstraram diferentes maneiras de transmitir mensagens climáticas e de conscientização ambiental de forma acessível, por meio da cultura.

Johw Pietro, mestre de cerimônias da batalha de rima, destaca o papel da cultura como difusora de mensagens relevantes para a população: “No meio das atividades, cheio de gente que pensa diferente de mim, eu percebi que, mesmo vindo de trajetórias distintas, todo mundo ali

carregava o mesmo desejo: o de construir um mundo melhor, mais consciente, vivo e justo”. E complementa: “o freestyle virou uma forma de traduzir o que a gente absorveu durante o dia: consciência ambiental, respeito, responsabilidade e o entendimento de que o planeta não é um recurso, e sim casa. Com poesia no ritmo do beat, mostramos que a cultura também educa e transforma.

Foi isso que vivi nesse evento: conexão, reflexão e a certeza de que a arte tem um papel gigante na construção desse futuro que a gente sonha.”

Unidos, todos os jovens participaram da atividade “Guia da Esperança”, na qual cada grupo, formado por representantes de diferentes projetos, desenvolveu um produto artístico para expressar caminhos rumo a um futuro sustentável. Inspirado em Paulo Freire, este material é uma construção colaborativa feita por e para juventudes, que puderam esperar seus desejos para os próximos anos. Para além de um documento, é um compromisso tecido por muitas vozes, vivências e culturas de um grupo plural que acredita na potência do encontro, do afeto, do cuidado e do agir, e que, em breve, estará disponível nos canais de divulgação do Projeto Albatroz.



Além disso, o encontro incluiu uma visita mediada por todos os espaços do Centro de Visitação, permitindo que cada representante de projeto compartilhasse seus conhecimentos e experiências com os demais participantes.



Ao celebrar uma década de atuação, o Coletivo Jovem Albatroz reforça seu papel como espaço de formação, troca e engajamento de jovens em pautas ambientais, mostrando que a juventude é essencial para a construção de um futuro sustentável. Thaís Lopes reforça: “As atividades foram pensadas para celebrar a história do CJA, vivenciar o presente e garantir um futuro colaborativo e justo para todas as juventudes. Para isto, os jovens foram convidados para dinâmicas de trocas e construção na práxis, ou seja, aprendendo na prática, parte fundamental de como trabalhamos. Foi muito bonito e potente acompanhar que todos os jovens cumpriram com nosso combinado de corresponsabilidade e se envolveram nas atividades.”

Ariane Carvalho, educadora ambiental do Projeto Albatroz e integrante do CJA, ressalta a importância dessa atividade durante a programação: “Cada grupo, formado por pessoas de diferentes vivências e lugares, conseguiu expressar o seu conhecimento de forma coletiva, representando o impacto do trabalho coletivo para conseguirmos alcançar o que desejamos para o meio ambiente e para o oceano durante os próximos anos.”



Link: projetoalbatroz.org.br/cja



NOVAS TURMAS DO COLETIVO JOVEM ALBATROZ ENVOLVEM 37 ESTUDANTES EM ATIVIDADES DE CONSERVAÇÃO MARINHA EM SP E RJ

Comemorando dez anos da primeira turma de jovens lideranças ambientais, novos integrantes participam de encontros em Santos (SP) e Cabo Frio (RJ)

Duas cidades, duas turmas e uma só missão: preparar jovens de diferentes faixas etárias para se tornarem as futuras lideranças ambientais em áreas marinhas e costeiras. O Coletivo Jovem Albatroz, criado pelo Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, comemora dez anos de atividade com um histórico de mais de 170 jovens envolvidos em suas formações, intervenções e atividades em prol da conservação do oceano. Este mês, duas novas turmas começaram em Santos (SP) e Cabo Frio (RJ), com uma novidade: na Região dos Lagos, os jovens têm entre 15 e 17 anos, os mais jovens a participar da iniciativa.

Eles também são pioneiros na localização: é a primeira turma a fazer os encontros semanais diretamente no Centro de Visitação do projeto,

com todos os recursos de educação ambiental à disposição. No curso, estão se familiarizando com temas relevantes para o conhecimento ambiental como a biodiversidade, identidade territorial, educomunicação, justiça socioambiental e protagonismo da juventude - uma das primeiras atividades práticas, inclusive, envolveu a participação no mutirão de limpeza do World Clean Up Day.

Segundo a educadora responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Thaís Lopes, a decisão de criar uma turma com jovens mais novos se deu pela importância de começar a mobilização pelo meio ambiente cada vez mais cedo, principalmente entre uma faixa etária com mais tempo livre e desejo por participar de atividades extracurriculares. "Sempre trabalhamos com

jovens universitários, que têm experiências diferentes sobre a conservação. Com uma faixa etária mais nova, queremos unir o olhar curioso e questionador dos jovens em idade escolar para se aprofundarem no tema da conservação, conhecendo mais sobre a sua territorialidade, desenvolvimento sustentável e biodiversidade, além de desenvolverem habilidades que os coloquem em boas universidades e no mercado de trabalho “, explica.

Ao final do curso, a ideia é que os jovens construam, coletivamente, uma intervenção socioambiental, a ser planejada, executada, divulgada e avaliada por eles próprios, a fim de possibilitar o aprendizado durante a prática, metodologia consolidada que incentiva o protagonismo e é tradicional nas formações do CJA desde suas primeiras formações.



No litoral paulista

Santos (SP), cidade onde o Projeto Albatroz nasceu em 1990 e também onde foi realizada a primeira turma do Coletivo Jovem Albatroz, em 2015, deu início a uma nova formação também este mês, com a participação de 25 jovens que estão se reunindo semanalmente na Universidade Santa Cecília.

A formação, desta vez, tem como temática “Diferentes Perspectivas sobre a Conservação Oceânica para a Juventude”, uma vez que todas as atenções estão voltadas à Década do Oceano, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para sensibilizar o público sobre a importância do



oceano e mobilizar a sociedade civil organizada em ações que favoreçam a sustentabilidade dos mares e sua biodiversidade. Nela, a ideia do CJA é aproximar os jovens das mais diversas perspectivas sobre a conservação, estimulando seu engajamento e ampliando seu repertório de oportunidades

Por meio de encontros com pesquisadores do Projeto Albatroz e profissionais de instituições parceiras, a formação prevê atividades teóricas e práticas que permitam aos jovens desenvolver pertencimento territorial, consciência socioambiental, protagonismo e engajamento com a conservação marinha, através da interação com princípios teóricos e metodológicos da educação ambiental.

Liderado pela educadora ambiental Arianne Fonseca e pela Marcela Mendonça, educadora da Equipe Pedagógica, ambas integrantes formadas pelo próprio CJA, sob orientação de Thaís Lopes, o Coletivo Jovem Albatroz busca sempre a mesma essência. “Nós adotamos uma série de princípios teóricos e metodológicos da educação ambiental crítica e dialógica nas formações, pautado nos princípios “jovem educa jovem”, “jovem escolhe jovem” e “uma geração aprende com a outra”, e nesse curso não é diferente”, afirma Arianne.

“Nossos encontros sempre estão baseados na construção de uma educação ambiental crítica e dialógica, que empodera, gera autonomia e protagonismo das juventudes. Com ela queremos ampliar o aprendizado nas formações acadêmicas e construir por meio do diálogo uma visão mais ampla e aprofundada sobre a conservação oceânica”, finaliza Thaís.



EM SANTOS, PROJETO ALBATROZ INTEGRA FESTIVAL DE CULTURA OCEÂNICA E CONTRIBUI PARA DESTACAR A RELEVÂNCIA DO CURRÍCULO AZUL NAS ESCOLAS

Evento em Santos reuniu especialistas, projetos e instituições para discutir a integração da cultura oceânica à educação e fortalecer a consciência ambiental

Que o mar é fonte de diversidade e renda já é de conhecimento geral, mas essa imensidão também pode ser uma sala de aula. Foi com essa perspectiva que o Currículo Azul ganhou destaque no Festival da Cultura Oceânica, realizado em Santos entre os dias 23 e 29 de agosto.

O evento foi um espaço de diálogo voltado à integração da cultura oceânica nas políticas públicas educacionais, reunindo diferentes setores da sociedade para refletir sobre a relação com o oceano e buscar soluções colaborativas para o desenvolvimento sustentável, a economia azul e o enfrentamento das mudanças climáticas.

O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, foi convidado a compartilhar sua experiência de mais de três décadas em educação ambiental, tema que faz parte de suas ações desde muito antes de o termo “Currículo Azul” entrar em pauta. A iniciativa integra a agenda brasileira da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável da ONU, fortalecendo a cultura oceânica como base para o bem-estar, a prosperidade econômica e a sustentabilidade planetária.

A programação começou com a mesa-redonda de abertura “O Oceano e Nós”, que reuniu especialistas e lideranças da área.

Representando a Rede Biomar, estiveram Amanda Borges, consultora de projetos ambientais da Petrobras; Tatiana Neves, coordenadora-geral e fundadora do Projeto Albatroz; e Letícia Mourad, do Projeto Coral Vivo.

“Foi uma mesa de altíssimo nível, com colegas de grande relevância na área. Tivemos a apresentação dos resultados do eixo de sensibilização da Rede Biomar, conduzida pelo Prof. Ronaldo Christofolletti, onde foi possível ver refletido o trabalho desenvolvido pelos projetos da Rede, incluindo o Albatroz. Em seguida, apresentei ao público o que fazemos e a importância dos albatrozes nesse contexto”, explicou Tatiana Neves.

O encontro propôs refletir sobre como nos relacionamos com o oceano em diferentes dimensões, emocional, cultural, política e no cotidiano. A partir de estudos nacionais e internacionais, foram apresentados resultados da Pesquisa Oceano e Sociedade, iniciativa inédita que investiga a percepção das pessoas sobre o mar em escalas global e regional, e do projeto brasileiro Oceano sem Mistérios, que mapeia a forma como comunidades entendem e se conectam com o oceano.

A sessão também marcou o lançamento de novos dados regionais em áreas costeiras onde atuam os

projetos da Rede Biomar, oferecendo informações concretas sobre desafios e oportunidades para ampliar o engajamento comunitário com a temática marinha.

“Mostrei como mobilizamos diferentes públicos, pescadores, comunidade em geral, jovens e estudantes pelo Programa Albatroz na Escola, além de turistas e moradores por meio do nosso Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha, em Cabo Frio. Esse esforço chamou bastante atenção da mesa e dos professores presentes, que ficaram impressionados com o alcance das nossas ações. Para mim, foi motivo de muito orgulho poder compartilhar esse trabalho”, destacou Tatiana. “Ter sido convidada para apresentar as iniciativas do Projeto Albatroz na mesa de abertura de um evento internacional tão relevante, realizado aqui em Santos, foi uma honra e uma oportunidade extremamente importante”, completou Tatiana.

Durante o festival, Paulo Salomão, coordenador de educação ambiental do Projeto Albatroz, participou da oficina “Integração e Formação - Programa Escola Azul Brasil e Áreas Marinhas Educativas”, em parceria com o Governo da França e a UNESCO. A oficina contou com a presença de especialistas franceses que atuam no Programa Áreas Marinhas Educativas (AME). “Essa imersão de quatro

dias me permitiu compreender melhor as similaridades entre os dois programas, conhecer atores que desenvolvem o currículo azul em diversas regiões do Brasil, além de explorar

maneiras para aprimorar as atividades desenvolvidas pelo Projeto junto às comunidades escolares em nossos territórios”, destaca Paulo.

Ele ressalta a importância de integrar essa rede: “O Projeto Albatroz deseja atuar como uma ferramenta de apoio para a implementação das escolas azuis nos municípios em que trabalhamos. Já contamos com o Programa Albatroz nas Escolas (PAE), que facilita essa interação e nos posiciona como

um apoio dentro da rede de educação, na Baixada Santista no Estado de São Paulo e na Região dos Lagos no Rio de Janeiro.”

Paulo complementa: “Participei do fórum nacional sobre o Currículo Azul, onde foram apresentadas experiências de secretarias de educação, professores e alunos que já praticam a Cultura Oceânica, por meio dessa iniciativa, em suas escolas. Foi mais uma oportunidade para divulgar o que está sendo feito, com relatos das escolas que já implementaram o programa e suas experiências transformadoras.”

A participação no Festival Oceano da Cultura Oceânica reforça o compromisso do Projeto Albatroz com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). As ações apresentadas dialogam diretamente com o ODS 4 (Educação de Qualidade), ao promover promoção da cultura oceânica nos processos de ensino; o ODS 14 (Vida na Água), ao sensibilizar para a conservação dos albatrozes e outros animais marinhos no ecossistema; e o ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação), ao integrar esforços junto à Rede Biomar e a diferentes atores sociais.

Esse esforço chamou bastante atenção da mesa e dos professores presentes, que ficaram impressionados com o alcance das nossas ações





POLÍTICAS PÚBLICAS



PROJETO ALBATROZ SEDIA OFICINA NACIONAL DE MONITORIA DO PLANACAP EM CABO FRIO (RJ)

Especialistas definem indicadores que vão orientar os próximos passos do 4º ciclo de gestão do plano nacional de conservação

O Centro de Visitação e Educação Ambiental Marinha do Projeto Albatroz, em Cabo Frio (RJ), recebeu recentemente a Oficina de Elaboração de Indicadores e Metas do 4º Ciclo do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Albatrozes e Petréis - PLANACAP. O encontro reuniu especialistas de instituições de referência em pesquisa, conservação e fiscalização ambiental.

O principal propósito da reunião foi a definição de indicadores de acompanhamento dos objetivos específicos do plano, instrumentos fundamentais para avaliar o andamento das ações do PLANACAP, identificar desafios e orientar ajustes estratégicos. Segundo o Gerente de Pesquisa e Desenvolvimento do Projeto Albatroz, Gabriel Canani. “Avaliamos o andamento das ações, discutimos os pontos que precisam de maior atenção e estabelecemos indicadores para entender melhor o avanço de cada objetivo do Plano.”

Para a coordenadora geral e fundadora do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, receber a reunião no Centro foi um momento especial “Realizar a reunião de monitoria no Centro de Visitação foi especialmente importante e marcante para a gente, porque muitas das pessoas que trabalham pela conservação dos albatrozes no Brasil estavam presentes.



Foi muito emocionante poder mostrar o Centro para profissionais que nos acompanharam desde a concepção, a construção e, finalmente, o uso do espaço.”

Participaram representantes do Projeto Albatroz, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Sindicato dos Armadores e das Indústrias da Pesca de Itajaí e Região (SINDIPI), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), BirdLife International e da Associação Guará-Vermelho, reforçando a colaboração entre diferentes setores da ciência e conservação ambiental.

O que é o PLANACAP?

O Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis foi elaborado em 2006 e, desde então, já passou por três ciclos completos de gestão, o primeiro entre 2006 e 2011, o segundo entre 2012 e 2017 e o terceiro entre 2018 e 2023. Atualmente em seu quarto ciclo, o PLANACAP contempla sete espécies de albatrozes e petréis ameaçadas de extinção, além de outras cinco presentes no Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis - ACAP.

O PLANACAP é no Brasil a referência para a implementação do acordo, que conta com a participação de 13 países e busca conservar albatrozes e petréis, coordenando ações internacionais para mitigar ameaças às populações destas aves migratórias. O ACAP foi ratificado e entrou em vigor no Brasil em 2008, no âmbito da Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias de Animais Silvestres (CMS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PLANACAP

O plano organiza suas ações em certos objetivos específicos, que balizam toda a implementação nacional:

- Compreensão das interações e mitigação da captura incidental e da mortalidade de Albatrozes e Petréis nas diferentes pescarias nacionais, com foco no espinhel pelágico industrial e nas pescarias de linha e anzol de pequena escala no Sudeste e Sul;
- Geração de conhecimento, monitoramento e redução dos impactos dos empreendimentos offshore, incluindo eólicas, petróleo e gás, sísmica e mineração;
- Geração de conhecimento, monitoramento e redução dos impactos relacionados a patógenos, poluição e mudanças climáticas;
- Desenvolvimento e implementação de ações de políticas públicas, educação ambiental e comunicação. Engajamento da sociedade.

Segundo Tatiana, a sociedade pode colaborar de diversas formas, principalmente se informando e engajando em ações do projeto e das instituições parceiras. “A sociedade pode ajudar na conservação dos albatrozes e petréis lendo, acompanhando as postagens do Projeto Albatroz nas redes sociais, bem como as matérias publicadas pelos veículos de comunicação e de outras instituições parceiras, como IBAMA, ICMBio e o setor pesqueiro, como, por exemplo, o SINDIPI, sindicato patronal dos armadores de pesca de Itajaí.” Isso ajuda a dar visibilidade às ações de conservação desenvolvidas.

Ela também destacou os impactos do consumo de plástico no ecossistema marinho e como a sociedade pode colaborar nesse enfrentamento. “Vale destacar o papel da sociedade em relação à produção de resíduos. Isso impacta o consumo de lixo plástico pelos albatrozes, petréis e muitas outras espécies marinhas. Eles acabam ingerindo os resíduos por engano, e até mesmo alimentam seus filhotes com ele, causando fome e até a morte. A poluição impacta toda a cadeia alimentar, incluindo nós mesmos.”



Com esta ação, o Projeto Albatroz contribui diretamente para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): ODS 14 - Vida na Água, protegendo espécies marinhas ameaçadas e promovendo oceanos sustentáveis; ODS 12 - Consumo e Produção Responsáveis, ao conscientizar sobre o impacto do lixo plástico e incentivar práticas mais sustentáveis na indústria da pesca; ODS 13 - Ação Contra a Mudança Global do Clima, por meio de monitoramento de impactos ambientais e climáticos; ODS 4 - Educação de Qualidade, com ações de educação ambiental e comunicação.



Saiba mais sobre o ACAP: [Site www.acap.aq](http://www.acap.aq)



PROJETO ALBATROZ PARTICIPA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MARINHA

Presença nesses órgãos permite contribuir com informações técnicas e científicas para a proteção de Unidades de Conservação

A criação de conselhos gestores e consultivos para áreas de conservação marinha é uma etapa essencial para a governança responsável de Unidades de Conservação no litoral brasileiro, permitindo que diversos setores da sociedade contribuam para a conservação dessas áreas essenciais para a biodiversidade. O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, tem participado ativamente da criação e gestão de conselhos, sendo o mais recente deles o conselho consultivo de suporte à gestão da Área de Proteção Ambiental (APA) e do Monumento Natural (Mona) do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz.

Em meados de fevereiro, o Projeto Albatroz participou, em Vitória (ES), da reunião realizada sob a coordenação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com a participação da Marinha do Brasil, universidades e instituições de pesquisa, setor pesqueiro e outras instituições ligadas à conservação ambiental, para a formação e estruturação do conselho consultivo para o arquipélago, que deve ter cinco setores e um total de 24 cadeiras.

O arquipélago fica a cerca de 1.200 quilômetros da capital do Espírito Santo e é ocupado e protegido pela Marinha do Brasil. O local só pode ser visitado por pesquisadores vinculados a projetos científicos e, além de ser um local importante para a segurança nacional, também é o berço de diferentes espécies de fauna e flora brasileira, contribuindo para a biodiversidade e a conservação marinha. A definição dos conselheiros e a oficialização do órgão deve ser feita no segundo semestre deste ano, mediante publicação de portaria pelo ICMBio.

Tatiana Neves, fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, explicou que o Arquipélago

de Trindade e Martim Vaz é uma área ímpar no litoral brasileiro, de grande importância para centenas de espécies de aves, peixes, algas e outros animais marinhos: “as ilhas de Trindade e Martim Vaz são uma joia da biodiversidade brasileira, lar de muitas espécies ameaçadas de extinção, como a pardela-de-trindade (*Pterodroma arminjoniana*)”, um procelariforme endêmico da região”.



Foto: Alexandre Andreazzi



Foto: Fernando Soares

Arquipélago de São Pedro e São Paulo

No início deste ano, após a publicação da portaria que oficializou a criação do conselho consultivo da Área de Proteção Ambiental (APA) e do Monumento Natural (Mona) do Arquipélago de São Pedro e São Paulo, o Projeto Albatroz foi eleito suplente do conselho. Entre as atividades do conselho está o acompanhamento da elaboração do Plano de Manejo das UCs, que detalha as regras ambientais no Monumento Natural, e o uso sustentável na Área de Proteção Ambiental (APA), abrangendo 200 milhas náuticas em torno do arquipélago.

O arquipélago, localizado a quase mil quilômetros da orla de Natal (RN), mas pertencente ao estado de Pernambuco, é formado por pequenas ilhotas rochosas que surgiram através do soerguimento do manto do assoalho submarino, constituindo-se em uma formação geológica única no mundo, concentrando ao seu redor uma rica biodiversidade marinha. Por este motivo, esta área é um ponto importante de atuação da pesca pelágica.

Laje de Santos

Em dezembro do ano passado, Tatiana e o gerente de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade, Caio Azevedo Marques, foram designados para compor o Conselho Consultivo do Parque Estadual Marinho Laje de Santos como conselheiro titular e suplente, respectivamente.

Por ter trabalhado na fundação do Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, criado em setembro de 1993, e ter sido sua primeira diretora, Tatiana destaca o valor dessa participação do Projeto Albatroz no conselho gestor. “É super importante não só pelo histórico com o Parque, que é o primeiro do estado de São Paulo, mas também por ser uma importante área de ocorrência de albatrozes e petréis, onde as pessoas conseguem avistar várias espécies. A preservação da área também é importante para avistamento e interação do público em geral com essas espécies oceânicas”.



Foto: Dimas Gianuca



EDUCADORA AMBIENTAL DO PROJETO ALBATROZ REPRESENTA JUVENTUDE COSTEIRA EM SEMINÁRIO DO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Selecionada como interlocutora da Mata Atlântica com outros 19 jovens, Arianne Fonseca viajou a Brasília para falar sobre a juventude costeira e marinha

Realizado pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima para estimular a formação das juventudes e reconstruir o Plano Nacional de Juventude e Meio Ambiente, o Seminário Nacional de Juventude, Meio Ambiente e Justiça Climática aconteceu entre os dias 21 e 25 de novembro, em Brasília, com uma série de dinâmicas, atividades educativas e discussões

para construir uma agenda de juventudes para a COP30 e buscar soluções para o futuro do clima. Arianne Fonseca, educadora ambiental do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, foi selecionada por um grupo de jovens para viajar à capital federal e representar não apenas a instituição, mas também o Coletivo Jovem Albatroz, do qual faz parte.



Por meio da articulação entre jovens de diferentes realidades e regiões do país, o evento visou a formação política e o fomento à participação ativa na construção de políticas públicas. Com isso, o Ministério do Meio Ambiente quis aprofundar os potenciais dos jovens, com a proposição de soluções e estratégias para o enfrentamento das mudanças do clima, em prol de uma justiça climática que reconheça as demandas das juventudes de periferia, povos indígenas e comunidades tradicionais.

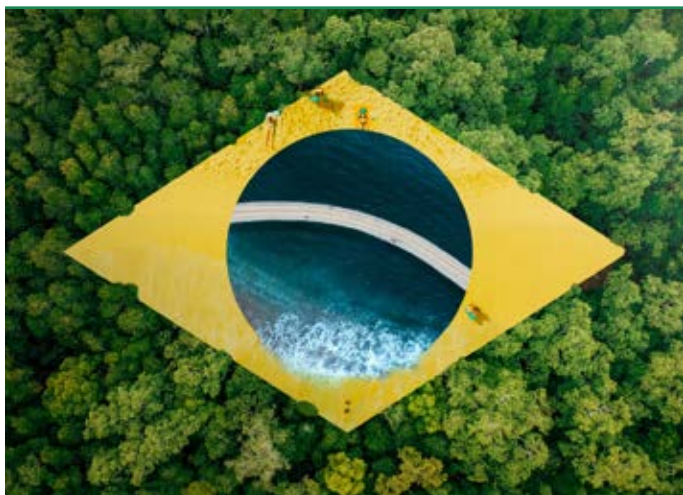
Entre as principais atividades, os jovens apresentaram seus territórios, os desafios climáticos que enfrentam, como a juventude local se organiza para enfrentar tais desafios e ideias para superá-los, tendo em mente a importância do trabalho colaborativo, dinâmico e em rede. Arianne, por exemplo, integrou um grupo com outros 19 jovens para atuar como interlocutora da Mata Atlântica, representando a juventude costeira e marinha.

Durante o evento, os participantes puderam fazer um intercâmbio de experiências com jovens articuladores de juventudes da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), convidados pelo Governo Brasileiro. Segundo Arianne, foi valioso conhecer a experiência dos jovens de países africanos sobre a criação de políticas públicas e entender os problemas gerados pela crise climática em seus países e como a juventude está se mobilizando para enfrentá-los. “Nós compartilhamos, para além da língua, algumas problemáticas ambientais. Entendemos que juntos temos mais força para lutar pelas mudanças que queremos e acreditamos para a juventude”, afirmou.

Ela explicou, também, que a participação no seminário foi importante, sobretudo, para colher informações que serão utilizadas na construção do novo Plano Nacional de Juventudes, Meio Ambiente e Justiça Climática (PNJMA). Para além dos eixos temáticos já propostos pelo ministério, os jovens puderam adicionar mais dois: “adaptação e mitigação da crise climática nos biomas” e “justiça socioambiental e violação dos direitos humanos”. Arianne participou ativamente da criação do último eixo: “Pensamos sobre o que é necessário para proteger a juventude ambientalista, nossa saúde mental, e o nosso direito à permanência nos territórios. Em tudo que pude contribuir, adicionei a perspectiva da conservação marinha e costeira, além da relação das juventudes com a cultura oceânica”.

Para finalizar, a educadora ambiental, que também é integrante do Coletivo Jovem Albatroz, criado pelo Projeto Albatroz para desenvolver novas juventudes ambientalistas, acrescentou que é importante para os jovens ocuparem espaços que promovam discussão e participação. “É muito interessante estarmos ali para podermos pautar assuntos que a gente construiu ao longo do tempo com as juventudes marinhas e costeiras e falar sobre como as mudanças climáticas estão impactando nossos territórios. É importante estarmos lá, incidindo em políticas públicas que fazem sentido para o nosso trabalho”.





CONFERÊNCIAS ESTADUAIS DE MEIO AMBIENTE TÊM PARTICIPAÇÃO DO PROJETO ALBATROZ EM TRÊS ESTADOS

Representantes integraram as delegações de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, propondo soluções para desafios como justiça climática e transformação ecológica

Parte de um processo que teve início em dezembro do ano passado, nas Conferências Municipais de Meio Ambiente, o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, participou, em meados de março, da etapa seguinte: as Conferências Estaduais, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em cada uma delas, os delegados apresentaram e defenderam soluções para diferentes desafios climáticos, que foram votadas e seguirão para a 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente, a ser realizada em Brasília (DF) no mês de maio.

A consultora técnica da base de Rio Grande (RS) Andreia Schwingel, a assistente de educação ambiental Arianne Fonseca e a analista de comunicação digital Beatriz Viana (SP), e o coordenador de educação ambiental Paulo Salomão de Cabo Frio (RJ) integraram

as respectivas delegações de suas cidades, trabalhando sob temas atuais relacionados à emergência climática em cada estado e contribuindo com um olhar especial para a temática oceânica e sua importância para a conservação.

Como representantes de organizações da sociedade civil, pelo Projeto Albatroz, eles puderam engajar em discussões relevantes para lidar com os desastres climáticos e participar ativamente da elaboração de propostas para os cinco eixos temáticos propostos pela organização: Mitigação, Adaptação e Preparação para Desastres, Transformação Ecológica, Justiça Climática e Governança e Educação Ambiental - este último, de grande importância para o trabalho de conservação que o Projeto Albatroz vem construindo há mais de 35 anos.

De acordo com Paulo Salomão, participar de etapas para construção de políticas públicas na área de meio ambiente é algo valioso. “Enquanto educador ambiental, fazer parte desse processo contribuindo com ideias e soluções para desafios climáticos que conhecemos de perto é poder impactar diretamente os territórios onde vivemos,

conservando as áreas costeiras, o oceano e as populações que dependem diretamente dele para sobreviver”, afirma.

Para a assistente de educação ambiental Arianne Fonseca, a participação ativa da juventude é fundamental

para uma Política Nacional de Meio Ambiente alinhada aos desafios locais. “Como jovem, vejo que é essencial nossa representatividade junto às demais organizações participantes, ao setor público e também privado. É somente com essa diversidade de visões e vivências que poderemos construir um futuro mais justo, com a proteção das florestas, dos rios, do oceano e da biodiversidade brasileira”.

É somente com essa diversidade de visões e vivências que poderemos construir um futuro mais justo



PESQUISA CIENTÍFICA



EM ITAJAÍ (SC), PROJETO ALBATROZ REALIZA EXPERIMENTOS PARA REDUZIR A CAPTURA INCIDENTAL DE AVES EM PESCARIAS DE PEQUENO PORTE

Em parceria com o IFSC, técnicos testam a eficácia de estratégias como o uso do toriline e o regime de peso para barcos de espinhel de fundo

Itajaí (SC), cidade do maior porto pesqueiro do país, foi escolhida pelo Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, como o lugar ideal para uma série de experimentos feitos durante a última semana em parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e também através do financiamento do Acordo Internacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP).

O objetivo das saídas, feitas a bordo do barco-escola do IFSC, foi testar a eficácia de medidas mitigadoras, ou seja, que minimizam a captura de aves marinhas, como albatrozes e petréis, em pescarias de linha e anzol.

Os experimentos usaram tecnologias simples, porém eficazes, para proteger as aves marinhas. O toriline, que une as palavras tori (pássaro em japonês) e line (linha em inglês), foi adaptado ao sistema brasileiro de espinhel pelágico pelo pescador Zé Ventura, e funciona como um espantalho. As fitas coloridas, que compõem o toriline, balançam como vento e afugentam as aves, afastando-as da área crítica em que o material afunda até uma profundidade segura, e evitando que sejam fisgadas. O regime de peso, por sua vez, se trata do posicionamento de pesos no material de pesca, fazendo com que os anzóis afundem rapidamente, e reduzindo o tempo de exposição do material e suas iscas.

O toriline e o regime de peso são as duas principais medidas mitigadoras aprimoradas pelo Projeto Albatroz, e foram testados em diversas configurações durante mais de 30 anos de trabalho de conservação marinha em parceria com os pescadores. Em 2014, essas medidas, associadas à largada noturna do material de pesca, foram transformadas na Instrução Normativa Interministerial (INI) N° 7, que estabelece o uso obrigatório dessas três medidas, ao mesmo tempo, por embarcações pesqueiras que atuam ao sul de 20°S na modalidade de espinhel horizontal de superfície, que capturam principalmente atuns e espadartes.

Como parte do esforço para ampliar o uso de medidas mitigadoras e, conseqüentemente, proteger mais populações de albatrozes e petréis, os pesquisadores do Projeto Albatroz

testaram formas adaptadas à embarcações de menor porte, de maneira que possam ser adotadas em pescarias de pequena escala. O uso dessas medidas não beneficia apenas as aves marinhas, mas também o pescador, que reduz o potencial de perda de iscas atacadas pelas aves, o que culmina em menos anzóis disponíveis para a captura dos peixes.

“Embarcações como as da frota de Cabo Frio, por exemplo, não comportam usar um torilino de 130 metros, como os usados por barcos de grande porte, por isso testamos torilinos reduzidos para tentar adaptar a metodologia”, explicou Juliana Vallim Gaiotto, coordenadora técnica do Projeto Albatroz. “Fizemos o mesmo com diferentes regimes de peso para verificar qual configuração é mais eficaz no aumento das taxas de afundamento, sem prejuízo para a atividade pesqueira”.

O pescador não quer de forma alguma pegar uma ave marinha, ele quer capturar um peixe, que é o que tem valor de mercado.

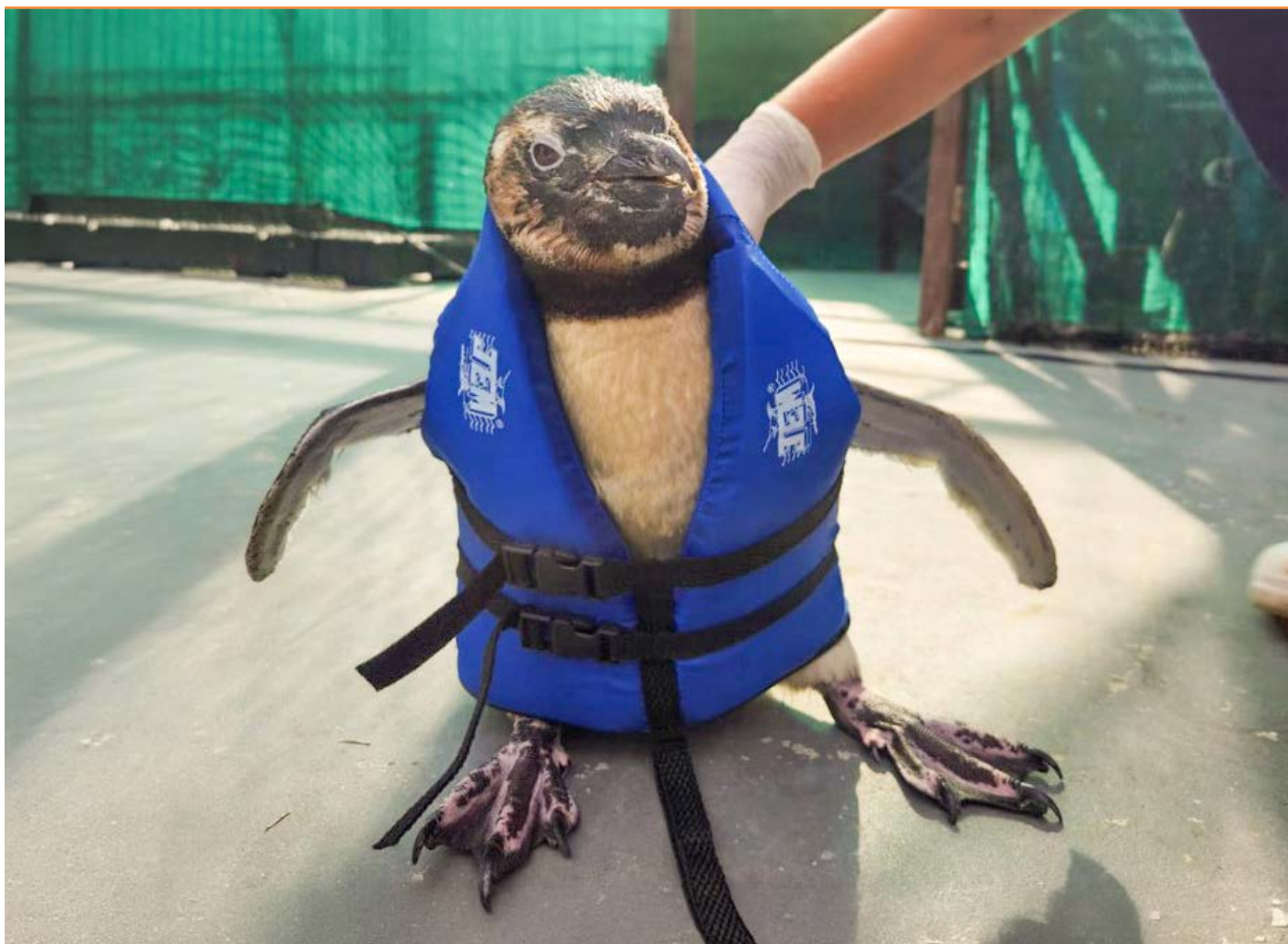
O Gerente de Pesquisa e Desenvolvimento do Projeto Albatroz, Gabriel Canani, afirmou que muitos dos testes feitos na última semana foram fruto de uma troca constante com pescadores de diversas regiões do sul e sudeste do Brasil. “As estratégias de pesca variam muito entre mestres e também entre localidades. Visando entender melhor essa dinâmica e compilar essa diversidade, fizemos uma caracterização dos métodos utilizados pelos mestres em Cabo Frio (RJ), Itajaí (SC) e Rio Grande (RS). Agora, estamos testando essas configurações, usadas nas pescarias comerciais, e registrando suas características com dispositivos que medem as taxas de afundamento do material. Os pescadores são nossos grandes parceiros nesse processo científico, e é fundamental que o desenvolvimento de medidas leve em consideração a maneira com que pescam, de forma que não atrapalhe a dinâmica e o

rendimento das pescarias”, pontuou. “Para serem cada vez mais utilizadas, é preciso que elas sejam simples, baratas e fáceis de usar”.

Segundo o professor Benjamim Teixeira, coordenador do Centro de Referência em Pesca e Navegação (Cnpmar) do Câmpus Itajaí do IFSC, a parceria da instituição com o Projeto Albatroz busca promover pesquisas que gerem dados consistentes e confiáveis que possam se transformar em políticas públicas a favor dos pescadores. “Nós acreditamos que para que a pesca tenha continuidade ao longo das gerações, ela tem que ser realizada de forma sustentável e o IFSC é um parceiro da pesca e dos pescadores”, explicou. “O pescador não quer de forma alguma pegar uma ave marinha, ele quer capturar um peixe, que é o que tem valor de mercado. Quando a gente propõe estas medidas mitigatórias, elas servem

para evitar a captura das aves e evitando a captura das aves, o anzol vai ficar com a isca, o que vai fazer com que ele tenha uma chance real de capturar peixes como atum, meca e algumas espécies de cação.”

Esses experimentos terão continuidade ao longo dos próximos anos, a fim de obter resultados robustos e consistentes que apoiem a proposta de medidas mitigadoras adaptadas à realidade de pescaria de menor escala. O objetivo desse estudo é diminuir significativamente a captura incidental de albatrozes e petréis em todas as artes de pesca que interagem com aves marinhas. Assim, o Projeto Albatroz contribui para a conservação dessas espécies, muitas delas ameaçadas de extinção, e também com a eficiência das pescarias de linha e anzol no Brasil.



PINGUINS-DE-MAGALHÃES RESGATADOS PELO INSTITUTO ALBATROZ GANHAM NOVA CASA NO AQUÁRIO DE SÃO PAULO

Pretinho e Piratinha, resgatados e reabilitados pelo PMP-BC/ES no ano passado não estão aptos para voltarem ao mar e receberão cuidados dedicados de veterinários

A equipe do Instituto Albatroz, que executa o Projeto de Monitoramento de Praias (PMP-BC/ES) na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, desembarcou no início de setembro no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, com dois novos moradores do Aquário de São Paulo. Os pinguins-de-Magalhães (*Spheniscus magellanicus*) “Pretinho” e “Piratinha” foram entregues à instituição após um ano de tratamentos intensivos no Centro de Reabilitação e Despetrolização (CRD) do Instituto Albatroz, em Araruama (RJ). Apesar de melhoras expressivas no quadro desses pacientes, eles não conseguiriam sobreviver no oceano, e passarão a receber cuidados dedicados da equipe de veterinários da capital paulista.

A história de “Pretinho” e “Piratinha” começou no final da temporada de pinguins de 2024, quando foram resgatados em Arraial do Cabo e Cabo Frio, respectivamente. A dupla estava debilitada, desidratada e abaixo do peso, como tantos jovens pinguins que, vindos da Patagônia, tentam vencer as correntes em busca de alimento em águas mais quentes e acabam encalhando nas areias das praias do litoral brasileiro.

Além de debilitados, ambos apresentavam complicações graves: “Piratinha” tinha lesões profundas nos olhos e no tórax, decorrentes de um ferimento causado por uma hélice de embarcação. Já “Pretinho” apresentava uma alteração óssea na região lombar que

comprometeu sua postura. De acordo com Daphne Goldberg, médica veterinária do Instituto Albatroz, a decisão de encaminhar os animais ao Aquário de São Paulo se deu pela necessidade de cuidados permanentes de seus quadros de saúde.

“No caso do “Pretinho”, a manutenção de seus tratamentos integrativos é crucial para garantir o bem-estar em longo prazo. Já “Piratinha”, apesar das lesões cicatrizadas, perdeu a visão de um dos olhos e parte da nadadeira, diminuindo significativamente as probabilidades de sobrevivência em seu habitat natural”, explica Daphne.

No Aquário de São Paulo, eles passaram pelo processo de ambientação e reconhecimento do novo tanque onde estarão diariamente com outros pinguins sob cuidados da equipe veterinária coordenada pela médica veterinária Laura Crispim Reisfeld, que afirmou estar muito feliz pela confiança do Instituto Albatroz no trabalho do Aquário de São Paulo. “Queremos continuar oferecendo todo o manejo, o carinho e os cuidados que eles recebiam no CRD. A gente sempre torce para que o processo de reabilitação seja um sucesso e que os animais voltem à natureza, mas ficamos felizes em saber que podemos acolhê-los quando isso não é mais possível”.



“Pretinho”: um caso de sucesso de terapias integrativas

Desde que chegou ao CRD, a equipe percebeu uma alteração na região lombar de “Pretinho” (seu apelido vem da cor de sua anilha de identificação, na cor preta). Iniciou-se, então, uma jornada intensa de investigação: radiografias, exames de sangue, tomografia e, enfim, o diagnóstico de discoespondilite com osteólise severa, um quadro bacteriano que provocou perda óssea - felizmente, sem atingir a medula espinhal.

O caso era complexo, com dor crônica e limitação de movimentos. “Entendemos que só o tratamento convencional não seria suficiente. Foi então que iniciamos as terapias integrativas: laser, acupuntura, eletroacupuntura, moxabustão, terapia neural e o uso do óleo de cannabis. Nosso objetivo era aliviar a dor sem sobrecarregar órgãos como fígado e rins com medicamentos de uso prolongado”, comenta a médica veterinária.

A resposta foi surpreendente: “Pretinho” passou a ficar de pé, caminhar, nadar e interagir na piscina com outros pinguins. O plano terapêutico continua com sessões semanais, em um ambiente calmo — inclusive com musicoterapia, contando com trilha sonora da cantora Enya — e seguirá semanalmente, com ajustes conforme a resposta clínica, no Aquário de São Paulo.





“Apesar da cicatrização completa das lesões, a ausência de visão em um dos olhos, combinada com a perda de parte da nadadeira do mesmo lado, diminui significativamente as probabilidades de sobrevivência deste pinguim em seu habitat natural. Por isso, agora ele estará aos cuidados da talentosa equipe do Aquário de São Paulo”, finaliza otimista a médica veterinária Daphne Goldberg, após passar aos novos cuidadores todos os detalhes sobre os pinguins.

Projeto de Monitoramento de Praias

O Instituto Albatroz, que conta com um Centro de Visitação em Cabo Frio, executa o Projeto de Monitoramento de Praias das Bacias de Campos e Espírito Santo (PMP-BC/ES) da Petrobras em Cabo Frio, Búzios e parte de Arraial do Cabo, somando 25 praias espalhadas por 54 quilômetros de litoral. O monitoramento é feito diariamente a pé e com o uso de quadriciclos por técnicos e monitores. O telefone de contato para acionamento do PMP-BC/ES na Região dos Lagos é 0800 991 4800.

“Esta abordagem multifacetada não só reforça a dedicação do Instituto Albatroz ao bem-estar de cada animal resgatado, mas também destaca o compromisso da instituição com as práticas de tratamento mais inovadoras e respeitadas, que reduzem significativamente a necessidade de medicamentos alopáticos, como anti-inflamatórios e analgésicos. “Pretinho” é um exemplo claro de como o olhar holístico pode transformar vidas. Não se trata só de curar uma infecção, mas de devolver ao animal a qualidade de vida”, comemora a médica veterinária.

A saga pela recuperação de “Piratinha”

O apelido escolhido pela equipe do Instituto Albatroz veio do corte profundo no olho esquerdo, que acometeu pele, musculatura, osso e córnea. Além disso, “Piratinha” apresentava ainda cortes na axila esquerda e na cauda, ferimentos provavelmente causados pela interação com uma hélice de embarcação. Devido à lesão no olho, o animal passou por consultas oftalmológicas, na tentativa de recuperação dos tecidos afetados e da visão. Apesar da cicatrização completa, perdeu a visão do olho esquerdo. Para as lesões no tórax e na nadadeira, adotaram-se terapias integrativas — como ozonioterapia e laserterapia — associadas a antibióticos; ainda assim, houve necrose e perda parcial da nadadeira.



O Projeto de Monitoramento de Praias (PMP) foi desenvolvido para o atendimento de condicionante do licenciamento ambiental federal das atividades da Petrobras de produção e escoamento de petróleo e gás natural. A realização do PMP-BC/ES é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.



CASO DE AVE MARINHA ANILHADA NO OCEANO ÍNDICO E RESGATADA EM ARRAIAL DO CABO É ASSUNTO DE PESQUISA PUBLICADA PELO INSTITUTO ALBATROZ

Pardela-preta viajou mais de 10 mil km e foi resgatada e reabilitada pelo PMP-BC/ES, destacando a relevância de programas de monitoramento para a coleta de dados científicos

A equipe de médicos-veterinários e biólogos do Instituto Albatroz, que executa o Projeto de Monitoramento de Praias (PMP-BC/ES) em parte da Região dos Lagos (RJ), comemora a publicação do artigo científico “De Kerguelen ao Brasil: Insights sobre a migração e a saúde de uma pardela-preta (*Procellaria aequinoctialis*)” na revista *Marine Ornithology* (<http://www.marineornithology.org/article?rn=1658>). O estudo apresenta o caso de uma Pardela-preta que foi anilhada ainda filhote, em abril de 2023, nas Ilhas Kerguelen, no sul do Oceano Índico, e resgatada na Praia Grande, em Arraial do Cabo, em julho de 2024, pela equipe de campo do Instituto Albatroz. A realização do PMP-BC/ES é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Site [marineornithology.org/article?rn=1658](http://www.marineornithology.org/article?rn=1658)

Quando foi encontrado na costa brasileira, o animal apresentava sinais de exaustão, desnutrição e anemia, evidenciando a alta demanda energética associada à sua extensa jornada de mais de 10.000 km. Os esforços de reabilitação foram bem-sucedidos, resultando na soltura do animal após um mês de cuidados intensivos, envolvendo suporte nutricional e tratamento veterinário especializado.

“Este caso ressalta a importância de programas de monitoramento costeiro e marinho de longo prazo, que fornecem dados valiosos sobre os desafios de saúde enfrentados por aves marinhas, seus deslocamentos de longa distância e os impactos das atividades humanas em suas populações”, comenta a médica-veterinária do Instituto Albatroz, Daphne Goldberg, que assina o artigo juntamente com as médicas-veterinárias da instituição, Janaina Rocha, Gabriela Bezerra e Beatriz Souto, além dos biólogos do Instituto Albatroz, Tatiana Neves, Caio Azevedo Marques e Livia Ribeiro. O paper contou ainda com a expertise de outros autores da área, como os pesquisadores franceses envolvidos na marcação da ave e o médico-veterinário Dr. Ralph Vanstreels.

O caso

Em 31 de julho de 2024, uma pardela-preta adulta foi encontrada na praia Grande, Arraial do Cabo (RJ). A ave possuía uma anilha (DZ29400) aplicada em 03 de abril de 2023, quando ainda era filhote nas Ilhas Kerguelen, como parte de um estudo de monitoramento de longo prazo apoiado pelo Instituto Polar Francês Paul-Émile Victor e pela Reserva Natural Nacional das Terras Austrais Francesas.

Ao ser resgatada, a ave foi prontamente transportada para o Centro de Reabilitação do Instituto Albatroz. Ao chegar, pesava 874g (a massa corporal média de pardelas-pretas adultas saudáveis é de 1,2 kg). O exame físico revelou que a ave estava em más condições nutricionais,

com intensa infestação de piolhos e apresentava exaustão, letargia, mucosas pálidas, hipotermia e desidratação.

A reabilitação seguiu protocolos bem estabelecidos para Procellariiformes, incluindo inicialmente a administração de fluidos de hidratação suplementados com nutrientes essenciais e purê de peixe. À medida que sua saúde melhorou, o animal passou a se alimentar sozinho, consumindo uma dieta à base de sardinhas, lulas e camarões. Pesagens e análises hematológicas foram realizadas semanalmente para monitorar a resposta da ave ao tratamento. Após 30 dias, pesando 1 kg e com análises hematológicas indicando recuperação satisfatória, a ave foi solta em 30 de agosto de 2024, na praia da Pernambuco, em Araruama (RJ).

Conclusões

“Embora as pardelas-pretas utilizem o voo planado como estratégia para conservar energia no ar, uma ave de aproximadamente 1 kg que percorre mais de 10.000 km inevitavelmente tem um gasto energético significativo.



Uma ave de aproximadamente 1 kg que percorre mais de 10.000 km inevitavelmente tem um gasto energético significativo

Quando foi encontrada no Brasil, as condições da ave sugeriam que a longa viagem esgotou consideravelmente seus recursos energéticos e fisiológicos”, explica Daphne.

A reabilitação e soltura bem-sucedidas da pardela destacam a importância de programas de monitoramento e a cooperação internacional contínua. O apoio a tais programas é essencial para

aprimorar a compreensão sobre aves marinhas migratórias e garantir sua proteção.

O resgate e a subsequente reabilitação da ave foram conduzidos no âmbito do Projeto de Monitoramento de Praias das Bacias de Campos e Espírito Santo (PMP-BC/ES). A realização do PMP é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Na Região dos Lagos, além do PMP, o Instituto Albatroz também realiza o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, que mantém um centro de visitação em Cabo Frio (RJ), onde é possível conhecer mais sobre a biologia das pardelas e a biodiversidade marinha e costeira da região.





NOVO PARASITA ENCONTRADO EM BOBO-GRANDE ALERTA PARA DISSEMINAÇÃO DE NOVOS PATÓGENOS EM AVES MARINHAS

Pesquisadora do Projeto Albatroz participou do estudo que identificou as bactérias, comum entre mamíferos, em ave encontrada morta no RJ

A Para além das mudanças climáticas, da ingestão de lixo plástico e da interação negativa com a pesca, há outras ameaças no horizonte das aves oceânicas. Pesquisadores brasileiros identificaram, pela primeira vez, dois tipos de bactérias do gênero *Bartonella* spp. em piolhos que parasitam uma ave marinha migratória do grupo dos albatrozes e petréis, o bobo-grande (*Calonectris borealis*). O achado amplia a lista de espécies infectadas por essa bactéria, até então encontrada comumente em mamíferos e em seus ectoparasitas, e acende um alerta sobre o impacto nas aves marinhas e seu potencial para amplificar a circulação global de patógenos.

A equipe analisou 38 piolhos retirados de um único exemplar de bobo-grande, encontrado morto na costa do Rio de Janeiro e necropsiado por técnicos do Projeto de Monitoramento de Praias (PMP-BS), e identificou duas espécies de piolho mastigador: *Halipeurus abnormis* e *Austromenopon echinatum*, ambas já conhecidas em aves do grupo das pardelas, bobos e cagarras. Em 15 desses piolhos, os cientistas detectaram DNA de *Bartonella* spp. por meio de testes moleculares, com alta taxa de positividade para *A. echinatum*.

Os pesquisadores identificaram dois genótipos distintos de Bartonella, um associado a cada espécie de piolho. O genótipo encontrado em *H. abnormis* mostrou grande semelhança genética com *Bartonella vinsonii berkhoffii*, bactéria relacionada a casos de endocardite em cães, enquanto o genótipo de *A. echinatum* se aproximou de uma *Bartonella* previamente encontrada em morcegos neotropicais.

Tradicionalmente, a *Bartonella* é estudada em mamíferos e em alguns vetores como pulgas e carrapatos, mas já havia sido detectada em aves (incluindo as marinhas) e répteis. Porém, o estudo foi o primeiro a associar a bactéria a tipos de piolhos específicos de aves marinhas, sugerindo que esses ectoparasitas podem participar da manutenção ou transmissão da bactéria em ambientes oceânicos.

“Esse é o primeiro caso de co-infestação de duas espécies de ectoparasitas carregando duas espécies diferentes de bactérias transmissoras de doenças que podem colocar não só as aves, mas outras espécies marinhas ameaçadas de extinção em perigo”, explica Alice Pereira, pesquisadora do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, e responsável técnica do Banco de Amostras de Albatrozes e Petréis (BAAP).

Ela explica que, como os bobos, pardelas e albatrozes realizam longas migrações oceânicas entre continentes, e podem contribuir para levar carrapatos, piolhos e outros microrganismos por grandes distâncias, conectando ecossistemas distantes. “A presença de dois genótipos de *Bartonella* em piolhos de uma mesma ave reforça a ideia de que a diversidade de vetores dessa bactéria é muito maior do que conhecemos”, conclui.

Pesquisa e conservação

O estudo aponta caminhos para novas pesquisas que ajudem a aprofundar o assunto, incluindo análises de outras espécies de aves marinhas e seus piolhos, além de pesquisas experimentais que avaliem se esses ectoparasitas são apenas portadores ou vetores competentes da bactéria.

É consenso entre os autores do estudo que entender o papel de aves marinhas migratórias e seus parasitas na ecologia de patógenos é essencial para prever riscos de novas zoonoses em um planeta cada vez mais conectado. A disseminação recente do vírus da influenza aviária H5N2 entre aves migratórias e marinhas é um exemplo disso, ressalta Alice Pereira.

Esse é o primeiro caso de co-infestação de duas espécies de ectoparasitas carregando duas espécies diferentes de bactérias transmissoras de doenças que podem colocar não só as aves, mas outras espécies marinhas ameaçadas de extinção em perigo

A pesquisa foi publicada como “First molecular detection of *Bartonella* spp. in two chewing louse species (Amblycera: Menoponidae and Ischnocera: Philoptera) parasitizing *Calonectris borealis*”, por pesquisadores do Instituto Butantã, do Departamento de Patologia, Reprodução e Saúde Única da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal da USP, do Departamento de Biologia

Animal da UNICAMP e do Projeto Albatroz. A íntegra do estudo está disponível na revista *Veterinary Parasitology: Regional Studies and Reports* e pode ser acessada neste link.

Site www.sciencedirect.com/...



COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

DIA MUNDIAL DO ALBATROZ FAZ UM CHAMADO GLOBAL PELA CONSERVAÇÃO DAS AVES OCEÂNICAS E SEU ECOSSISTEMA

Comemorado anualmente em 19 de junho, a data chama atenção para as principais ameaças enfrentadas por esse grupo de aves

Albatrozes e petréis estão entre as aves mais emblemáticas do oceano, conhecidas por seus voos de longa distância e papel fundamental na manutenção do ecossistema marinho. No entanto, essas aves extraordinárias enfrentam uma convergência de ameaças que está levando muitas espécies cada vez mais rápido à extinção. No Dia Mundial do Albatroz, comemorado anualmente em 19 de junho, o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, e autoridades científicas de todo o mundo chamam a atenção para a necessidade cada vez mais urgente de conservar o oceano para frear a maior parte das ameaças à sobrevivência desse grupo de aves.

Em 2025, o Dia Mundial do Albatroz, organizado pelo Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP), tem como tema os “Efeitos das Doenças”, representando apenas um dos vários riscos a que estão sujeitas em alto-mar e nas colônias reprodutivas. Os albatrozes estão entre os grupos de aves mais ameaçadas do planeta, com 15 das 22 espécies atualmente classificadas como globalmente ameaçadas pela Lista Vermelha da IUCN.

Essas aves lutam para sobreviver à captura incidental pela pesca industrial, ao fregar iscas e ficarem presas aos anzóis; a introdução de espécies invasoras nas ilhas de reprodução,

como ratos, que comem as aves nos ninhos; a poluição marinha, ingerindo resíduos plásticos ao confundirem com alimento e também pela contaminação química; a interferência humana nos locais de nidificação; as mudanças climáticas, que alteram padrões alimentares naturais, aumentam a temperatura do oceano e o nível do mar em locais reprodutivos; além, é claro, de doenças ocasionadas por patógenos, como a influenza aviária (H5N2).

Os albatrozes e petréis se reproduzem em colônias densas, numerosas e em locais remotos, por isso, são especialmente vulneráveis à introdução de espécies exóticas, mudanças em padrões climáticos e às doenças emergentes. No Oceano Pacífico Norte, o albatroz-de-pés-negros (*Phoebastria nigripes*) e o albatroz-de-laysan (*Phoebastria immutabilis*) têm suas colônias localizadas em atóis próximos às ilhas havaianas do noroeste dos EUA e vivem sob o risco crescente do aumento do nível do mar e do número e da gravidade de tempestades que resultam em inundações, ambos considerados uma consequência direta das mudanças climáticas.

As inundações de tempestades já fizeram pelo menos uma pequena ilha desaparecer no mar, perdendo locais de reprodução para vários milhares de casais de albatrozes; em outras partes da cadeia de ilhas, como no Atol Midway, tempestades causaram inundações de ninhos de albatrozes e perda de filhotes perto da costa.

No Hemisfério Sul, onde há mais de 20 espécies de albatrozes e petréis, o aumento das temperaturas também causa prejuízos. Um exemplo disso é que pesquisas recentes no Atlântico Sul que sugerem que o aquecimento dos mares está aumentando as taxas de 'divórcio' entre casais de albatrozes-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*), que se alimentam em águas brasileiras.

Já na Ilha de Amsterdã, por exemplo, tanto o albatroz-de-amsterdã (*Diomedea amsterdamensis*) quanto o albatroz-de-nariz-amarelo-do-índico (*Thalassarche carteri*), espécies já classificadas como em perigo, estão sob ameaça direta de cólera aviária, erisipela e, agora, potencialmente da influenza aviária de alta patogenicidade.

Ameaça recente: influenza aviária (H5N2)

Segundo a médica veterinária Patrícia Serafini, parceira do Projeto Albatroz, co-coordenadora do Grupo de Trabalho sobre População e Estado de Conservação (PaCSWG) do ACAP e membro líder do Grupo HPAI, que monitora a doença, o surgimento da HPAI H5Nx, um novo vírus relacionado à influenza aviária, representa um novo desafio para a conservação das aves marinhas.

“Embora o vírus já represente um problema há décadas para a avicultura, a linhagem recente (clado 2.3.4.4b) do H5Nx apresenta uma capacidade preocupante de infectar e se espalhar por longas distâncias junto às aves migratórias, inclusive em regiões oceânicas remotas, locais onde os albatrozes e petréis se reúnem em colônias para reprodução”, afirma.





De acordo com o Ministério da Saúde, até o momento, dentro do que foi observado no mundo, o vírus da influenza aviária não infecta humanos com facilidade e, quando ocorre, geralmente a transmissão de pessoa a pessoa não é sustentada.

Ações para o futuro

Para frear o efeito das ameaças, é necessário desenvolver ações para conservar o oceano, explica a fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves. Segundo ela, todas as ações passam, inevitavelmente, pela educação ambiental. “Para além das pesquisas científicas que nos ajudam a entender a dinâmica da pesca, a criação de medidas mitigadoras da captura incidental e as políticas públicas para acabar

é preciso que as pessoas conheçam essas aves, se sensibilizem por sua sobrevivência

com esse problema, é preciso que as pessoas conheçam essas aves, se sensibilizem por sua sobrevivência, aprendam como proteger o oceano e como amplificar essas mensagens”.

O Projeto Albatroz, desde 1990, faz um trabalho científico focado na educação ambiental dos mais diversos públicos, desde pescadores de frotas industriais e artesanais, até professores, estudantes e comunidades do entorno de áreas pesqueiras, buscando aumentar a sensibilização do público sobre a conservação do oceano.

À medida que cresce a atenção global para a saúde do planeta, do oceano e da biodiversidade, o Dia Mundial do Albatroz busca lembrar da rede interconectada de ameaças que pairam sobre a fauna marinha. “Albatrozes

e petréis são viajantes oceânicos que precisam de nossa colaboração para entender suas ameaças e buscar soluções conjuntas para minimizar o risco de extinção. Protegê-los não significa apenas preservar aves magníficas, mas conservar a biodiversidade e os papéis ecológicos dos oceanos do mundo”, finaliza Tatiana.





QUANDO A IMAGEM FALA PELA NATUREZA: O PAPEL DA IMAGEM NA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Recursos visuais são aliados poderosos na luta pela preservação ambiental, despertando empatia, promovendo educação e gerando mobilização social

Um albatroz fígado por um anzol; um oceano de plástico ou uma tartaruga presa em uma rede de pesca. Em tempos de excesso de informação, poucas coisas têm tanto poder de impacto quanto uma imagem. No campo da educação e da sensibilização ambiental, o uso de recursos visuais - como fotografias, materiais biológicos, painéis interativos e ilustrações - tem se consolidado como ferramenta essencial para traduzir dados em emoções, estatísticas em histórias, e principalmente promover mudanças reais de comportamento de uma sociedade.

Nesse processo, compreender como a imagem comunica e provoca interpretações é essencial. A imagem não apenas mostra: ela carrega sentidos, desperta sentimentos e influencia atitudes. É aí que entram conceitos da semiótica, o estudo dos signos e de como produzimos significados. Elementos como cores, formas, símbolos e enquadramentos ajudam a construir mensagens que vão além do óbvio, e se tornam memoráveis para quem vê.

No contexto ambiental, essa articulação pode ser decisiva. Uma foto que mostra um albatroz fígado por um anzol, por exemplo, ultrapassa a estética: ela representa um sistema simbólico que faz um alerta. Como explica a teoria da semiótica greimasiana, esse processo de significação depende da relação entre a forma visível do objeto e os valores sociais e culturais atribuídos a ele.

“No caso específico do albatroz, os produtos de comunicação ajudam a materializar uma ave que é difícil de acessar para a maior parte da população”, explica Tatianne Fonseca, assessora de comunicação do Projeto Albatroz.

“Quando mostramos essa ave de forma visual, aumentamos as chances de que o público se lembre do nosso trabalho e da importância da conservação da espécie”.

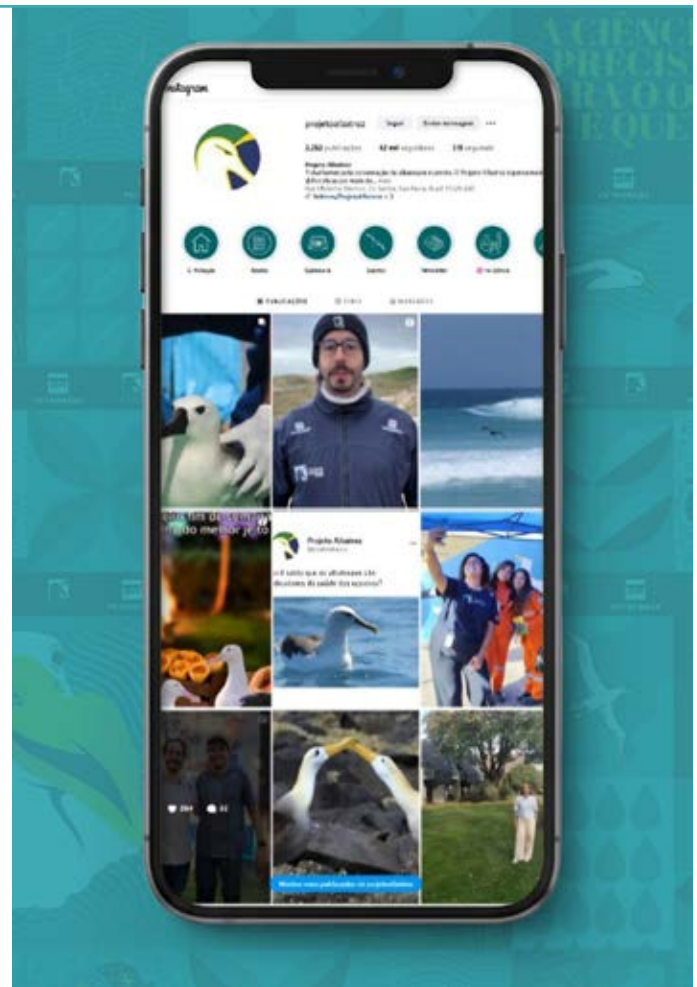
Tatianne complementa explicando que produtos são lembretes, para quem têm acesso a eles. “Os produtos que entregamos também funcionam como um lembrete da experiência vivida com o Projeto. É um jeito de a pessoa lembrar da ação de educação ambiental, da conversa, do conhecimento que adquiriu. Quando essa experiência é positiva e sensibiliza, há mais chances de ela querer transformar atitudes em relação ao meio ambiente”

O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, atua há mais de 30 anos na conservação das aves marinhas e na sensibilização sobre a importância da prática de uma pesca mais sustentável. Utilizando os recursos da semiótica, e justamente porque essas aves não fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas, o Projeto aposta, por exemplo, na força das imagens e dos materiais expostos no Centro de Visitação em Cabo Frio (RJ). Entre os destaques estão painéis explicativos com informações sobre as espécies, esqueletos e réplicas de albatrozes em tamanho real, além de exemplares taxidermizados. O espaço também conta com um painel específico que apresenta imagens e dados sobre os albatrozes ameaçados de extinção, tudo pensado para aproximar o público da causa.

Por meio de campanhas visuais, exposições fotográficas, vídeos educativos e registros em campo o Projeto transforma o invisível em visível, mostrando assim à sociedade as ameaças que essas aves enfrentam, como a captura incidental, e os impactos das atividades humanas sobre os ecossistemas marinhos.

A imagem, nesse sentido, não apenas representa a realidade: ela ajuda a construí-la dentro do imaginário coletivo. Por exemplo, quando uma organização se posiciona em defesa dos albatrozes e petréis, cada elemento visual (de uma foto a um símbolo) contribui para que o público compreenda, se conecte e se engaje com a causa. A imagem vira ponte entre o invisível e o visível, entre o distante e o próximo.

Beatriz Viana, analista de comunicação digital do Projeto Albatroz, destaca que “o digital e o físico são complementos naturais um do outro, e ambos têm um papel crucial na sensibilização. Pelas imagens e textos conseguimos chegar a lugares que nós, como indivíduos, às vezes não conseguimos. A gente voa muito longe, até os ninhais de albatrozes na Nova Zelândia, por exemplo. E com os materiais expositivos mostramos às pessoas onde as aves estão, uma realidade que talvez nunca conheceriam.



Nosso trabalho funciona muito quando esses dois complementos agem juntos, quando a pessoa está conosco nos eventos e depois, vai nas redes sociais e descobre um mundo novo que está ali na palma da mão”.

Além disso, como destaca a semiótica peirceana, os signos visuais podem operar como índices (que apontam para algo real), ícones (que se assemelham ao objeto) ou símbolos (que dependem de convenções culturais). Uma fotografia de uma ave ameaçada, por exemplo, pode agir como um índice do problema ambiental, enquanto o uso de determinadas cores ou símbolos pode evocar valores como sustentabilidade, urgência ou solidariedade com a fauna marinha.

Em um cenário de desafios crescentes para a conservação da biodiversidade, dar visibilidade ao que acontece no mar, além do que acontece nos bastidores da ciência é importante. E as imagens continuam sendo nossas grandes aliadas nessa missão, não apenas pela estética, mas por sua potência simbólica, emocional e transformadora.



PROJETO ALBATROZ ALÇA VOO RUMO À 1ª EDIÇÃO DA RIO OCEAN WEEK, NO MUSEU DO AMANHÃ

Realizado pela primeira vez no Rio de Janeiro, evento teve a participação da equipe do projeto em palestras, atividades e ações de educação oceânica

A pós marcar presença na edição paulista, chegou a vez do Projeto Albatroz alçar voo em direção ao Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, para participar da primeira edição da Rio Ocean Week. Realizado entre os dias 22 e 26 de outubro, o evento faz parte da Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021–2030) e foi promovido pela Cátedra UNESCO para a Sustentabilidade do Oceano.

A equipe de educação ambiental chegou ao Rio de Janeiro com um estande repleto de atividades que buscavam gerar provocações e questionamentos sobre a conservação do oceano, lar de espécies ameaçadas de extinção, como os albatrozes e petréis. Além disso, materiais

interativos permitiam conhecer as mais de 10 espécies de procelariformes que se alimentam em águas brasileiras, as principais ameaças à sua sobrevivência, como a poluição por plástico e a interação com barcos de pesca, e as medidas simples que podem ser tomadas para protegê-las. Uma novidade no estande foi a realização de uma oficina de bottons, em que cada visitante pôde escolher seu albatroz favorito e, com a ajuda da equipe, montava seu botton personalizado.

O Projeto Albatroz, que tem patrocínio da Petrobras, e é parte da Rede Biomar ao lado dos projetos Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil, participou de um painel especial na seção Ideias Azuis, criada para discutir caminhos para um oceano sustentável.

Com o título “Rede Biomar: sensibilização para a conservação do oceano”, o painel propôs uma discussão sobre como as pessoas podem se engajar no tema a partir da sensibilização, do contato com a temática oceânica. Durante a apresentação, foram destacados os dados obtidos por uma pesquisa feita pela rede em parceria com o Maré de Ciência, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O documento pode ser consultado neste link.

Site projetoalbatroz.org.br/...



Tatiana Neves, fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, que tem patrocínio da Petrobras, destacou a importância de se discutir cultura e conservação oceânica poucas semanas antes da edição brasileira da COP30: “A Rio Ocean Week nos permitiu unir forças e vozes importantes para reforçar a mensagem sobre a urgência da conservação da biodiversidade oceânica para o futuro do planeta e lembrar que são os jovens que poderão levar essa mensagem adiante, por meio de sua relação com as regiões costeiras e marinhas”.

A Rio Ocean Week nos permitiu unir forças e vozes importantes para reforçar a mensagem sobre a urgência da conservação da biodiversidade oceânica para o futuro do planeta

Durante os dias de evento no Rio de Janeiro, a Cátedra UNESCO para a Sustentabilidade do Oceano, vinculada à USP, lançou o “Manifesto pelo Futuro do Oceano”, um chamado global para que a pauta oceânica tenha protagonismo nas decisões climáticas, especialmente na COP30, que será realizada em Belém (PA). O manifesto está aberto para assinatura de apoiadores na plataforma Avaaz.

Todos os painéis e debates da Rio Ocean Week estão disponíveis gratuitamente no canal da Cátedra UNESCO no YouTube.





EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA CELEBRA OS 10 ANOS DO COLETIVO JOVEM ALBATROZ, EM CABO FRIO (RJ)

Visitantes poderão conhecer a história e as principais conquistas do grupo, que já formou mais de 170 jovens para atuarem como lideranças na conservação marinha e costeira

Criado em 2015, o Coletivo Jovem Albatroz (CJA) é um espaço formativo para que jovens possam desenvolver habilidades necessárias para se tornarem lideranças na conservação marinha e costeira. Para celebrar as conquistas e a história construída ao longo de uma década de cursos, oficinas, saídas de campo e visitas técnicas, o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, inaugura, no dia 28 de novembro às 16h30, a exposição “Retratos da Juventude que Ousou Cuidar do Mar”, em seu centro de visitação em Cabo Frio (RJ).

A exposição busca resgatar e valorizar a história do CJA, que já envolveu mais de 170 jovens de várias regiões do Brasil em suas atividades e formações, que abrangeram temas como: políticas públicas, educação ambiental, captação de recursos para projetos ambientais, educomunicação, produção audiovisual e artística. A exposição poderá ser visitada até o fim do ano -- a classificação é livre e a entrada é feita mediante a compra de ingresso para a visitação do centro.

Criado em Santos (SP), cidade na Baixada Santista onde também nasceu o Projeto Albatroz, o CJA foi fruto de uma construção conjunta de estudantes envolvidos com o projeto e a conservação marinha, buscando criar um espaço de troca de saberes, experiências e de formação democrática e dialógica buscando desenvolver uma educação crítica e emancipatória. Desde a primeira turma, um ideal se mantém: no CJA, os jovens são protagonistas, propondo e realizando projetos de intervenção para a transformação da realidade.



Duas frentes de trabalho se destacam nessa trajetória: os processos formativos, que envolvem desde os cursos até as atividades desenvolvidas em parceria com outros coletivos jovens; e a participação em órgãos colegiados ligados à conservação e à educação ambiental. Essas ações levaram a algumas conquistas e destaques importantes que estão refletidos na exposição, como a participação em edições do Encontro Jovem Mar, a criação da ação virtual #AfetoOceano, a participação e colaboração em órgãos colegiados para a criação de políticas públicas, a publicação do folder Jovem Albatroz, trabalhos acadêmicos, entre muitos outros.

A exposição também se utiliza de recursos audiovisuais (com QR Codes) para relembrar o impacto dessa conquista não somente no CJA, mas nas trajetórias individuais dos jovens que passaram por ele.



Visitar a mostra é também se engajar com o oceano, seus saberes e aqueles que desejam mudar sua história

Depoimentos de atuais e ex-integrantes enfatizam a importância do coletivo para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal de cada um, fruto da valorização da multidisciplinaridade do CJA, que acredita que jovens estudantes de todas as áreas do conhecimento podem contribuir para a conservação oceânica com seus talentos.

Thaís Lopes, educadora ambiental que é responsável pelas atividades do Coletivo Jovem Albatroz, participou da primeira turma e, até hoje, explica que o processo criativo da exposição foi catártico: “olhando para trás, consigo ver que a história do CJA também é a minha história, se entrelaça com o meu amor pelo oceano e com a minha visão de futuro para a conservação do oceano. Meu desejo é que todos visitem e se deixem encantar por essa história”.

Para Juliana Justino, coordenadora de comunicação responsável pela concepção e design da exposição, visitar a mostra é também se engajar com o oceano, seus saberes e aqueles que desejam mudar sua história. “O Coletivo Jovem Albatroz é um espaço de muita criatividade, inspiração e conhecimento, acredito que nossa exposição é capaz de tocar muitos corações e mentes para se unirem a essa maré de transformação da juventude”.

O Coletivo Jovem Albatroz participa da Rede Jovem Mar, uma iniciativa da Rede Biomar que reúne os coletivos jovens de cinco projetos patrocinados pela Petrobras: Projeto Albatroz, Projeto Baleia Jubarte, Projeto Coral Vivo, Projeto Golfinho Rotador e Projeto Meros do Brasil.



CULTURA OCEÂNICA EM CENA: PROJETO ALBATROZ PROMOVE OFICINA DE AUDIOVISUAL PARA ALUNOS DE REDE PÚBLICA EM CABO FRIO

Em parceria com a Universidade Veiga de Almeida, a oficina incentiva jovens de 14 a 17 anos a mergulharem na cultura oceânica por meio de técnica e criatividade

O Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, recebe alunos da rede pública para uma jornada de aprendizado em técnicas de audiovisual durante o mês de novembro no seu Centro de Visitação, em Cabo Frio. A oficina é fruto da parceria do Projeto Albatroz com a Universidade Veiga de Almeida, unindo o conhecimento acadêmico com a pesquisa científica a serviço da comunidade.

Com o desafio de desenvolver um curta-metragem, a oficina reúne cerca de 30 alunos

da rede pública. Entre as escolas participantes do projeto estão os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) do bairro Jacaré e Porto do Carro, Escola Teixeira e Sousa e a Escola Professor Carlos Alberto Gomes de Carvalho. O tema do filme será a Cultura Oceânica, ou seja, a conscientização sobre a importância dos oceanos para a humanidade. Natally Melina, aluna do 2º ano do Ensino Médio do CIEP do Porto do Carro, destaca que é possível abordar educação ambiental de forma prazerosa e criativa:

“Tem sido muito divertido. Acho uma grande oportunidade de adquirir conhecimento e ao mesmo tempo um lazer. É muito importante abordar esse assunto em nossas vidas, não só para o meio ambiente, mas também para entendermos a nossa responsabilidade de cuidar do mundo”.

Tem sido muito divertido. Acho uma grande oportunidade de adquirir conhecimento e ao mesmo tempo um lazer

Roteiro, planos, movimentos e cortes de câmera são alguns dos assuntos estudados pelos alunos durante os quatro encontros que contam com a orientação de Paula Ventura, Tainá Quintanilha, Lara Pimentel, Danielle Furtado e Emiliano Gael, alunos de Jornalismo e Publicidade da UVA Cabo Frio. Entre as orientadoras, Tainá destaca: “Tem sido uma alegria imensa ministrar a oficina de audiovisual para os jovens. Fico muito grata em acompanhar cada descoberta e o entusiasmo deles pelo universo da produção cultural. É um privilégio participar desse processo de formação tão rico e transformador.” Felipe Vieira, aluno do CIEP Jacaré, enfatiza os benefícios da proposta e do tempo de duração da oficina: “Não sabia que seria tão bom participar de algo assim! Diferente de outras oficinas, que geralmente acontecem somente por um dia, essa oficina é contínua, ou seja, semanal, e assim aprendemos cada vez mais.”.

Aprender sobre a aplicação de ferramentas de audiovisual no contexto da Cultura Oceânica significa potencializar o alcance da narrativa sobre o mar. Elementos visuais e sonoros têm a capacidade de transmitir emoções e informações complexas de forma acessível, o que aumenta o engajamento e entendimento do público.

Juliana Justino, coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, ressalta a relevância do audiovisual no contexto ambiental: “Oferecer essas ferramentas para os jovens é não só capacitá-los para a produção audiovisual, mas também dar a oportunidade de usarem suas vozes e seus olhares com um alcance ainda maior para expressarem seus sentimentos, suas lutas e sua relação com o ambiente onde vivem em diversas mídias.

Todos os participantes demonstraram entusiasmo com o resultado final do curta-metragem, cujo roteiro e captação serão realizados pelos próprios alunos, e que em breve estará disponível em nossos canais de divulgação.



ACOMPANHE
NOSSAS

REDES SOCIAIS



@projetoalbatroz

